



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E
RESPECTIVA LITERATURA
MONOGRAFIA EM LITERATURA

TAUANE SOUSA DOS SANTOS

O herdeiro no romance brasileiro:

Brás Cubas e Eulálio D'Assumpção
(filho-família e formação social)

ORIENTADOR: PROF. DR. EDVALDO APARECIDO BERGAMO

Tauane Sousa dos Santos

O herdeiro no romance brasileiro:
Brás Cubas e Eulálio D'Assumpção (filho-família e formação
social)

Monografia apresentada ao Departamento de
Teoria Literária e Literaturas da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa
e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Aparecido Bergamo

Brasília, DF
2024

A Deus,
à minha mãe e ao Edmilço,
ao meu pai (*in memoriam*)
e ao Felipe.

Agradecimentos

A Deus pela oportunidade de estar concluindo mais uma etapa na minha vida e por sempre me fortalecer diante dos meus desafios.

Ao meu orientador, Edvaldo Bergamo, pela paciência e por todo suporte dado.

À minha mãe que sempre me apoiou e me incentivou para que eu não parasse no meio do caminho.

Ao meu padrasto, Edmilço, por ter tanto cuidado com a minha família, por acreditar em mim e sempre me dar bons conselhos.

Ao meu pai, que sempre me ensinou para onde eu deveria ir e que estaria orgulhoso nesse momento.

E ao Felipe, meu companheiro, por sempre me apoiar e me incentivar a concluir ciclos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *Leite Derramado*, de Chico Buarque. O romance brasileiro, consolidado no século XIX, enfrentou transformações significativas, passando por momentos de maturidade e pela censura durante a ditadura. A obra de Assis, especialmente após *Memórias*, marca o início de sua "fase da maturidade". De forma semelhante, Buarque já demonstrava uma escrita madura antes de *Leite Derramado*, abordando questões sociais relevantes. Em ambas as obras, temas como trabalho, raça e classe são criticados por meio de ironia e metáforas, com personagens secundários representando papéis sociais e evidenciando as hierarquias de sua época. O foco desta análise está nos narradores-personagens, herdeiros da elite brasileira, inseridos em famílias poderosas, cujas narrações revelam suas visões e relações interpessoais dentro de suas respectivas realidades.

Palavras-chave: trabalho; raça; classe; elite brasileira.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
Capítulo 1. “O Romance Brasileiro”.....	9
1.1. A formação do romance brasileiro no século XIX.....	9
1.2. O romance brasileiro contemporâneo: ditadura e pós-ditadura.....	13
1.3. O romance brasileiro e a questão do herdeiro: trabalho, raça e classe.....	17
Capítulo 2. “<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>”.....	22
2.1. O romance machadiano depois de <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	22
2.2. Trabalho, raça e classe em <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	27
2.3. Brás Cubas: o herdeiro rentista e a elite brasileira do século XIX.....	34
Capítulo 3. “<i>Leite Derramado</i>”.....	40
3.1. O romance de Chico Buarque até <i>Leite Derramado</i>	40
3.2. Trabalho, raça e classe em <i>Leite Derramado</i>	44
3.3. Eulálio D'Assumpção: o herdeiro falido e a elite brasileira contemporânea.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

A formação do romance no Brasil no século XIX teve influência do contexto histórico, nessa época tiveram muitos acontecimentos e mudanças sociais, porém o que mais marcou foi a sociedade escravocrata. Esse assunto despertou uma urgência nas obras brasileiras e ajudou na consolidação do gênero literário do romance. O romance serviu como uma ferramenta importante de expressão artística, moldando a identidade literária e a consciência social do país.

Escritores como José de Alencar e Machado de Assis marcaram a literatura brasileira. Alencar explorava as características do país, trazendo uma representatividade na literatura brasileira, fazendo com que o romance nacional se consolidasse como uma expressão literária. Já Assis trouxe a maturidade para a literatura, com sua abordagem com teor mais psicológico dos personagens. Além de abordar temas nacionais, a literatura desempenhou um papel crucial de reflexão e crítica social.

O romance brasileiro contemporâneo desempenhou um papel crucial de resistência durante a ditadura militar, adaptando-se ao cenário da época. Esse compromisso social se manifestou na forma de uma abordagem crítica e incisiva da realidade da violência e de seu contexto, transformando-se em uma ferramenta de registro e denúncia para as gerações futuras.

Temas como trabalho, raça e classe permeiam as obras dos escritores brasileiros. A história do Brasil é inseparável do período escravocrata, em que a economia do país se amparou nas plantações de açúcar, café e algodão. Obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Leite Derramado* e *Memórias de um Sargento de Milícias* trataram desse tema, usando personagens que representassem os dois lados da história e nos oferece uma visão da escravidão da época, além da raça e da classe dos personagens dessas obras. Uma das ferramentas usadas para essa abordagem foi o uso do herdeiro como narrador-personagem, porque dessa forma teríamos a visão por parte da classe

privilegiada. Os herdeiros em questão entregavam suas culturas exploradoras com muita naturalidade aos leitores.

Segundo Candido (1993) a escrita de Machado de Assis passou por três fases: a fase da formação, a intermediária e a maturidade. Essa transição da fase intermediária para a fase da maturidade, que ocorreu com o lançamento de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, foi um divisor de águas para a literatura brasileira. Assis passou de um escritor comum para um escritor com abordagens psicológicas e críticas sociais a partir de seus personagens que são construídos com uma complexidade e importância que não eram comuns nas obras daquele período, com uma escrita boa, irônica e sutil que se diferenciava das demais da época.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* o contexto histórico é de uma sociedade exploradora, sendo impossível dissociar trabalho, raça e classe, pois esses elementos estão intrinsecamente ligados no contexto do Brasil. O trabalho era frequentemente determinado pela raça, e a posição social era uma consequência direta desses dois fatores. Assis usa de seus personagens como representação de cada uma das classes, sendo Brás Cubas como representante da elite brasileira, Dona Plácida como representante da classe trabalhadora e o Prudêncio como a classe escravizada.

Chico Buarque teve sua carreira iniciada como escritor através de peças de teatro infantil, chegou a lançar uma novela que tinha uma crítica ao sistema por trás, mas só foi ser notado e reconhecido pelos críticos com o lançamento de *Estorvo*. O autor também tem a característica de escrita de buscar abordar temas da sociedade como uma forma de crítica social.

Em sua obra *Leite Derramado* ele explora temas como raça, classe, trabalho, bem como a evolução da sociedade da época. No contexto social da obra a época também era de uma cultura de exploração, então ainda se sustentava pelo mercado agrário e pelo mercado escravista. Assim como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o racismo e a exploração se fazem presentes.

Eulálio, personagem da obra de Chico Buarque, tem muitas características que o aproximam de Brás Cubas, mas diferente de Brás, ele é um herdeiro falido. Sua vida entra em declínio com o abandono de sua amada, assim como com a morte de seu pai e as mudanças sociais da época.

Há muito o que se observar acerca dessas duas obras que são ricas em história, ironia, metáfora e crítica social.

Capítulo 1. “O Romance Brasileiro.”

1.1 A formação do romance brasileiro no século XIX

Para falar sobre a formação do romance no Brasil é necessário retomar os acontecimentos da época, pois eles influenciaram 100% nesse processo. O século XIX marcou um período de fervor cultural e transformação social no Brasil, mas o que será destacado neste capítulo será a sociedade escravocrata, que sustentou a economia do país por quase todo o século, principalmente na produção de café, açúcar e outras *commodities* agrícolas (CROCE, 2015).

Neste contexto, o romance brasileiro despontou como um veículo de expressão artística e reflexão sobre a realidade nacional, moldando tanto a identidade literária quanto a consciência social do país. Uma característica forte foi o nacionalismo, que consistiu em descrever a realidade do país, como lugares, cenas, fatos e costumes. Como considerado por Candido (1993, p. 99) “Uma vasta soma de realidade observada, herdada, transmitida, que se elaborou e transfigurou graças ao processo normal de tratamento de realidade no romance: um ponto de vista, uma posição, uma doutrina..”.

As raízes do romance brasileiro do século XIX se baseiam em um ambiente cultural permeado por influências estrangeiras e pela busca por uma voz literária autenticamente nacional. Inicialmente, o gênero se firmou como um eco das correntes românticas europeias, absorvendo elementos estilísticos e temáticos das obras de escritores como Victor Hugo, Walter Scott e Alexandre Dumas (CANDIDO, 2009). Contudo, à medida que a literatura brasileira amadurecia, os autores locais começaram a tecer narrativas que refletiam as peculiaridades da sociedade e da paisagem brasileira.

A fase inicial do romance brasileiro também foi marcada pela valorização do indianismo, movimento literário que exaltava a figura do indígena e buscava resgatar as raízes e a identidade nacional: “Semeavam o indianismo, nossa raça mestiça como uma raça heroica. Tempo lendário..”(CANDIDO, 2007,p. 202). Obras como *O Guarani*, de José de Alencar, são exemplos desse tipo de abordagem, que buscava não apenas descrever a realidade regional, mas também exaltar os valores e mitos da cultura brasileira (ALMEIDA, 2011).

Um dos elementos centrais que define o romance oitocentista é o seu respeito inicial pela realidade (CANDIDO, 1993). Isso se manifesta principalmente na busca pela verossimilhança na narrativa. Verossimilhança, neste contexto, refere-se à capacidade de uma obra literária parecer verdadeira, de criar uma ilusão de realidade que seja convincente e plausível para o leitor. Os escritores oitocentistas buscavam retratar o mundo de forma precisa e detalhada, muitas vezes usando técnicas como a observação cuidadosa da vida cotidiana, a descrição minuciosa de ambientes e a caracterização complexa de personagens (CANDIDO, 1993).

José de Alencar representou um marco na literatura brasileira, ele se fez um dos protagonistas em meio aos escritores no Romantismo brasileiro, sendo o pioneiro na introdução de elementos da cultura e da linguagem brasileira em seus romances, o que contribuiu para a criação de uma identidade literária nacional. Suas obras destacam os valores nacionais, explorando temas como a natureza exuberante, a história e a mitologia do Brasil, bem como os conflitos sociais e emocionais que permeavam a sociedade da época (ALMEIDA, 2011).

Candido considerava que havia um grande sociólogo em Alencar, já que em suas obras as posições sociais e o nível econômico constitui a preocupação central dos personagens “... há em Alencar um sociólogo implícito. Na maioria dos seus livros, o movimento narrativo ganha forças graças aos problemas de desnivelamento nas posições sociais, que vão afetar a própria afetividade dos personagens.” (1993, p.204).

Além de José de Alencar, autores como Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Joaquim Manuel de Macedo foram figuras importantes desse período, contribuindo de forma significativa para a consolidação do romance brasileiro como uma forma de expressão literária nacional (ALMEIDA, 2011). Porém faltava algo a mais na construção da nossa literatura, algo que trouxesse uma maturidade a mais, faltava uma pesquisa psicológica (CANDIDO, 1993).

Há na pesquisa psicológica uma certa malícia e uma certa dor, que levam o romancista a esquadrihar a composição dos atos e pensamentos; a reconstituir as maneiras possíveis porque teriam variado, levando-os, muitas vezes, a consequências inaceitáveis para visão normal.
(CANDIDO, 1993, p. 193)

Candido acreditava que “Para o romantismo, tanto os indivíduos quanto os povos são feitos das substâncias do que aconteceu antes” (1993, p. 208). Essa

ligação faz parte de um estudo psicológico. O psicólogo Vygotsky, defendia que o meio social afeta e incentiva o desenvolvimento de um indivíduo, assim como o meio social no século XIX afetava a mente e o comportamento dos indivíduos, como traumas, dores, exclusão, preconceito e agressão (LUCCI, 2006). Segundo Candido, essa tentativa de mostrar que o meio atingia as ações dos indivíduos era uma prática que estava começando a ficar presente nas obras, “Com matizes mais ou menos acentuados de fatalismos, uns e outros se aplicavam em mostrar os diferentes modos por que a ação e o sentimento dos homens eram causados pelo meio, pelos antecedentes, a paixão ou o organismo.” (1993, p. 99). Assim começou então o uso da psicologia na literatura:

Verossimilhança da história e da sociologia para os escritores do século XIX, até que os do século XX a fossem procurar em certos inverossímeis da psicologia moderna. Por isso, sempre que o romance romântico resistiu à tentação da poesia e buscou a norma desse gênero sem normas, encaminhou-se resolutamente para a descrição e o estudo das relações humanas em sociedade. Lugares, paisagens, cenas; épocas, acontecimentos; personagens-padrões, tipos sociais; convenções, usos, costumes - foram abundantemente levantados, quer no tempo (pelo romance histórico, que serviu de guia), quer no espaço. Uma vasta soma de realidade observada, herdada, transmitida, que se elaborou e transfigurou graças ao processo normal de tratamento de realidade no romance: um ponto de vista, uma posição, uma doutrina (política, artística, moral) mediante a qual o autor opera sobre a realidade, selecionando e agrupando os seus vários aspectos segundo uma diretriz.
(CANDIDO, 1993, p. 99)

Alencar, portanto, teve uma sacada além do social, segundo Candido (1993) ele trouxe uma literatura de qualidade e com teor psicológico com o senso da realidade humana. Ele passou “da visão heroica à observação da sociedade, a sua obra tem a amplitude que tem, fazendo dele o nosso pequeno Balzac” (p.209)

No entanto, foi com Machado de Assis que o romance brasileiro atingiu um novo patamar de maturidade e complexidade (CANDIDO, 1993). Em obras como *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, Machado de Assis revolucionou as convenções românticas, introduzindo elementos de ironia, pessimismo e análise psicológica que transcendem as fronteiras do romantismo e antecipam o realismo e o modernismo literário (CANDIDO, 1995). Segundo Candido (1993), as pesquisas psicológicas tornam o personagem vivo e próximo da nossa vida profunda e julga que Assis fez isso de uma forma “supranacional”. Antes de Machado a aposta era muito maior no social do que no psicológico “... definindo antes um modo de existir do que de ser.” (CANDIDO, 1993, p.197). Nas obras de

Assis, era trabalhado a singularidade de cada personagem, diferente do que era feito na época, em que o personagem era usado como figurante, como forma de preencher a cena, sem muita importância além disso (CANDIDO, 1993).

Além de expressar a estética nacional, a literatura desempenhou um papel crucial na reflexão e na crítica social, abordando assuntos como a escravidão, a urbanização e as desigualdades sociais, lançando luz sobre os problemas urgentes de uma sociedade em transformação (SHWARZ, 1977).

Com Machado é possível experimentar a realidade e todos os mixes de sentimentos sentidos e causados, como foi dito por José Maurício (2011, p.100) "...Machado encarna, de forma exemplar, o caminho antagônico, o da desmitificação do real, o da ruptura a mais radical possível com todas as formas de idealização da realidade social e da condição humana". O que antes estava funcionando como uma visão mágica de um país tropical com muita beleza, riquezas e cultura, se tornou uma exposição de tudo que acontecia por trás de tanta coisa bonita, como é citado por Candido:

Em Machado, juntam-se por um momento os dois processos gerais da nossa literatura: a pesquisa dos valores espirituais, num plano universal, o conhecimento do homem e da sociedade locais. Um eixo vertical e um eixo horizontal, cujas coordenadas delimitam, para o grande romancista, um espaço não mais geográfico ou social, mas simplesmente humano, que os engloba e transcende.
(CANDIDO, 1993, p.102)

Machado foi um divisor de águas, com coragem trabalhou seus personagens de forma profunda, dando espaço para suas histórias e posições sociais e por meio disso dispôs pontos de vistas diferentes, não só olhar através dos olhos do escravizado, mas olhar através dos olhos do herdeiro e ver ainda mais a crueldade instalada naquele meio.

Houve então uma junção de ideais nos autores de forma que o conteúdo de suas obras era a exposição do real. "Os escritores se voltam para os problemas sociais e culturais dos estados de origem, conferindo, com frequência, um caráter politicamente engajado a suas criações." (ALMEIDA, 2011, p.105). Esses escritores não apenas descreviam a realidade brasileira, mas também a interpretam e problematizam, lançando um olhar crítico sobre as injustiças e contradições da sociedade.

O romance no Brasil nasceu regionalista e de costume, descrição de pessoas e formas de vidas sociais e então se tornou uma literatura que funcionava como tomada de consciência da realidade brasileira, mantendo-se como uma das formas mais importantes de reflexão e expressão da identidade e da experiência brasileira.

1.2. O romance brasileiro contemporâneo: ditadura e pós-ditadura

O romance brasileiro contemporâneo é marcado por uma diversidade de temas, estilos e abordagens que refletem os múltiplos aspectos da sociedade brasileira na ditadura e depois.

A literatura brasileira se adapta ao cenário, se transformando e sendo um reflexo das mudanças sociais, culturais e políticas que ocorrem na sociedade. A literatura brasileira, por um período em obras de autores como José de Alencar, foi associada à representação de paisagens, jardins exuberantes e narrativas que exploravam temas de beleza, amor e harmonia. No entanto, à medida que o país enfrentava desafios e conflitos, a literatura se adaptava para refletir e responder a essas mudanças (PELLEGRINI, 2005).

Segundo Magris (2009), o romance deve capturar e refletir a experiência da desagregação. Isso significa que o romance, como forma de expressão artística, deve abordar e explorar os processos de fragmentação, desintegração e mudança na sociedade contemporânea, a forma como os personagens são apresentados e como a realidade é retratada na obra literária reflete uma visão da sociedade como fragmentada ou unificada.

Seguindo esses pontos de adaptação ao cenário em que o país se encontrava, o foco não estaria mais na idealização de cenários e cultura, mas sim no compromisso social de abordar e representar a realidade da violência e seu contexto (MAGRIS, 2009). Essa mudança de perspectiva é um reflexo da crescente conscientização e preocupação com questões sociais, incluindo violência urbana, discriminação, desigualdade social, abusos de poder e injustiças, como foi o caso da ditadura (SANTINI, 2012).

Além disso, o romance brasileiro contemporâneo também aborda uma amplitude de temas, que vão desde questões de identidade e pertencimento até problemas sociais, ambientais e econômicos. Autores como Conceição Evaristo, Chico Buarque, Patrícia Melo e Luiz Ruffato exploram as desigualdades sociais, o racismo, a violência urbana, a migração, o meio ambiente e outros temas urgentes da realidade brasileira.

O romance atual emerge como uma forma literária dinâmica e relevante, que não apenas reflete o mundo em constante mudança ao nosso redor, mas também participa ativamente do diálogo crítico e da transformação da sociedade (SANTINI, 2012). A estrutura do atual romance brasileiro e sua perspectiva crítica garantem sua capacidade de se relacionar com o real de maneira autêntica, tanto através da representação de fragmentos da realidade quanto da reflexão sobre o próprio ato de escrever e narrar, como é considerado por Santini:

ao que parece, o romance contemporâneo pode não demonstrar indiferença ante o mundo e sua transformação, ao contrário, sua estrutura garantiria uma relação de permeabilidade com o real a partir de uma perspectiva crítica de sua configuração, seja na escrita de seus restos, seja nos restos da própria escrita.

(SANTINI, 2012, p.105)

De acordo com Scholhamer (2005), à medida que ocorre a gradual e contínua transformação da estrutura socioeconômica e demográfica do país, observa-se o surgimento de uma literatura que constantemente busca uma expressão que seja adequada à complexidade de uma experiência que se desenvolve em meio à violência, como é colocado pela crítica Pellegrini:

Segundo Scholhamer, ao longo da lenta e gradativa transformação da estrutura socio-econômica e demográfica do país, testemunha-se o surgimento de uma literatura sempre em busca de uma expressão adequada à complexidade de uma experiência que cresce tendo como pano de fundo a violência.

(PELLEGRINI, 2005, p. 134)

Essa afirmação sugere que a evolução das condições sociais, econômicas e demográficas no país ao longo do tempo tem influenciado diretamente a produção literária, especialmente no que diz respeito à maneira como os escritores abordam e representam temas relacionados à violência. A literatura, como forma de arte e

reflexão da realidade, reflete e responde às mudanças e desafios enfrentados pela sociedade (PELLEGRINI, 2005).

É fato que a literatura brasileira se adapta ao meio que está inserida, sempre buscando registrar e informar a geração futura, a literatura já teria contado muitos acontecimentos de histórias de amor e de dor e foi entre os anos 1964-1985 que os escritores brasileiros passariam pelo desafio de se reinventar e de se posicionar diante da ditadura militar (FRANCO, 2015). As consequências desse período autoritário deixaram marcas na cultura e na literatura do país. Durante este período, a censura, a repressão política e a violência estatal moldaram o cenário cultural brasileiro.

Assim, embora ela tenha desde então combatido, à sua maneira, para que nenhuma catástrofe pudesse ocorrer, sua objetiva impotência – a qual não a desmerece – tornou-se manifesta, por exemplo, com o aparecimento das ditaduras militares nos países da América Latina – como no Chile, na Argentina, no Uruguai e no Brasil – que propiciaram o ressurgimento de novas ondas de terror, as quais implicaram em políticas de extermínio premeditado de contingentes de opositores, em massacre dos humilhados, em supressão dos direitos civis, em tortura sistemática contra vítimas indefesas, em repressão e censura indiscriminada, em imposição de brutal sofrimento físico a considerável parte das populações desses países, entre outras atrocidades.
(FRANCO, 2015, p. 204/205)

Muitos escritores e artistas enfrentaram perseguições e restrições à liberdade de expressão, o que influenciou diretamente a produção literária da época. Foi um período que se exigiu muita coragem e força dos artistas, transformando a escrita em um ato de resistência diante do cenário em que o Brasil se encontrava. Franco (2015) afirmou que a literatura “Concebida desse modo, a arte autônoma – como a denomina o autor – pode ser considerada como uma forma de resistência e compreende uma dimensão ética, enquanto manifestação de indignação radical diante do horror.” (p. 204). Segundo Franco (2015), além de ter sido uma forma de resistência à censura, foi também uma insubordinação à ditadura.

Durante o período autoritário, a escrita se tornou a principal ferramenta para documentar os acontecimentos, narrando as atrocidades e os horrores vivenciados, uma vez que a mídia enfrentava censura (FRANCO, 2015).

Segundo Pellegrini (2005), essa narração da brutalização da vida urbana poderia ser vista como uma denúncia da violência no âmbito social. E de fato foi

uma denúncia, pois foi encontrado na escrita uma forma de testemunhar e denunciar o que era pretendido que ficasse sob segredo e que não alcançasse outras pessoas e gerações. Assim, a escrita transcende a mera representação para se tornar uma ferramenta de conscientização e mudança social.

O termo "romance da resistência", conforme descrito por Franco (2015), foi cunhado em reconhecimento ao papel desempenhado pela literatura em resistir às adversidades e preservar a narrativa histórica nacional, "o ato de escrever não é assim apenas forma de resistência à censura, mas insubordinação civil, modo de resistir à própria ditadura." (FRANCO, 2015, p. 212).

Este tipo de escrita persistiu apesar das dificuldades, com o objetivo de registrar os eventos e experiências enfrentados pela sociedade. A missão dos escritores era proporcionar um meio para a compreensão, lembrança e enfrentamento dos acontecimentos históricos, como é citado pelo crítico:

Por meio da incorporação de tais notícias ou informações censuradas o romance adquire um caráter de combate à ditadura: narrar o que foi proibido impacta a sociedade e ajuda a estabelecer uma forma outra de percepção do momento histórico, além de contestar a legitimidade dos atos ditatoriais. (FRANCO, 2015, p. 218)

Autores contemporâneos exploram essas questões de maneiras diversas, refletindo sobre as experiências individuais e coletivas durante e após a ditadura (FRANCO, 2015). Para alguns autores, durante a ditadura a escrita funcionou como uma resistência, sendo um porta-voz das vítimas que foram marginalizadas e oprimidas pelo governo autoritário, mas para outros como um diário, um testemunho íntimo dos dias vividos sob repressão.

Esses relatos pessoais não apenas proporcionam uma visão única do período da ditadura, mas também ajudam a manter viva a memória daqueles que sofreram e resistiram durante esse tempo (PELLEGRINI, 2005).

Durante todo esse posicionamento literário um movimento se delineou no universo literário, subdividindo o romance em distintos grupos, cada um encarregado de expressar uma perspectiva singular acerca do período da ditadura militar (FRANCO, 2015). Destaca-se a "geração da denúncia da repressão", bem como obras de cunho memorialístico (FRANCO, 2015). Dentro deste contexto, romances elaborados por ex-militantes que se opuseram ao regime ditatorial constituíram uma literatura de testemunhos, empregada como meio de responsabilizar o agressor pelas violações cometidas. Alguns autores abordaram questões políticas de forma

indireta, por meio de metáforas e alegorias, enquanto outros se engajaram diretamente na luta contra o regime autoritário (FRANCO, 2015).

Após o fim do regime militar, o romance brasileiro contemporâneo assumiu o posto de explorar as marcas deixadas por esse período de terror na história do país. Autores mergulharam nas memórias individuais e coletivas da ditadura, buscando compreender e representar suas consequências sociais, psicológicas e políticas (PELLEGRINI, 2005).

Alguns autores abordam as experiências traumáticas vivenciadas por indivíduos e comunidades que foram perseguidos, presos, torturados ou mortos pelos ditadores (FRANCO, 2015). Essas narrativas frequentemente revelam os efeitos duradouros do trauma na psique humana e na dinâmica social, destacando a necessidade de reconhecimento, cura e justiça para as vítimas e seus familiares.

Em suma, o romance brasileiro contemporâneo reflete as profundas transformações sociais, políticas e culturais do país nas últimas décadas. Sendo um instrumento de registro e denúncia, o que reflete a construção baseada na herança do romance do século XIX.

1.3. O romance brasileiro e a questão do herdeiro: trabalho, raça e classe

Não há como abordar o romance brasileiro sem reconhecer as marcas deixadas no passado do Brasil. Temas como trabalho, raça e classe permeiam as obras dos escritores brasileiros, muitas vezes de maneira sutil e indireta como é possível observar nas obras de Machado de Assis e Chico Buarque.

Para criticar os eventos históricos e sociais, os escritores recorrem à representação de figuras do meio social (PELLEGRINI, 2005). A seguir, será analisado como cada um desses temas, que compõem o período da escravidão, foi abordado na literatura brasileira. Ao mergulhar nessas obras, há um confronto não apenas com narrativas ficcionais, mas com reflexões sobre a condição humana, as injustiças sociais e os legados do passado que continuam a moldar a sociedade, como é citado por Schwarz:

A uns a herança colonial parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha do progresso. Outros viam nela o país autêntico, a ser preservado contra imitações absurdas. Outros ainda desejavam harmonizar progresso e trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante. (SCHWARZ, 1987, p.12)

A história do Brasil foi marcada pelo período escravista, sendo uma época que a economia do país se sustentava no trabalho explorador, através da plantação de açúcar, café e algodão. Os escravizados assumiram a maior parte dos trabalhos de força e sustentaram os setores agrícolas e industriais do país. No entanto, essa prática estava em contradição com o direito de trabalho livre, um dos princípios fundamentais da Economia Política. Assim afirmou Schwarz (1977, p.11): “Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato "impolítico e abominável" da escravidão.”

A convergência entre os princípios da Economia Política e a realidade da escravidão no Brasil revela um conflito entre teoria e prática, entre os ideais econômicos e as condições sociais (PELLEGRINI, 2005). Enquanto a Economia Política se fundamenta em condições como o trabalho livre, a predominância da escravidão no Brasil historicamente contradiz esses princípios, destacando uma diferença entre a teoria econômica e a experiência vivida. Esse contraste lança luz sobre as complexidades da economia brasileira, onde uma prática "impolítica e abominável" coexiste com ideais de liberdade e autonomia do trabalho, desafiando a aplicação de teorias econômicas abstratas em contextos sociais e históricos específicos.

Essa contradição entre teoria e prática revela as injustiças e desigualdades que permanecem para além do período da sociedade escravocrata e formam parte do Brasil contemporâneo.

Como mencionado em seções anteriores, a literatura brasileira é moldada pelo contexto e pela necessidade de expressar os eventos na esfera social e política. Nesse sentido, os escritores recorreram à escrita para documentar e, em certa medida, denunciar os abusos perpetrados pelo sistema de escravidão, como citado por Schwarz:

Sendo uma propriedade, um escravo pode ser vendido, mas não despedido. O trabalhador livre, nesse ponto, dá mais liberdade a seu patrão, além de

imobilizar menos capital. Este aspecto - um entre muitos - indica o limite que a escravatura opunha à racionalização produtiva.
(SCHWARZ, 1977, p. 14)

Obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Leite Derramado* e *Memórias de um Sargento de Milícias* trataram desse tema, usando personagens que representassem os dois lados da história e oferece uma visão da escravidão da época. Essas são as representações que levam os leitores mais perto dos acontecimentos, pois através dessas documentações, é possível ver como essas pessoas foram exploradas, ridicularizadas e ligadas ao ruim.

Além do tema de trabalho e escravidão, raça foi um tema explorado pelos escritores, apresentando escravizados como protagonistas ou como personagens que tem um papel importante na obra, explorando suas histórias de vida, suas experiências e suas identidades dentro da sociedade brasileira (PELLEGRINI, 2005). Eles representam diretamente a desigualdade social, um exemplo seria a obra *O Mulato* de Aluísio Azevedo, em que o protagonista é um rapaz mulato que luta contra a discriminação no século XIX.

A representação da raça desempenhou um papel importante na construção da crítica social, uma vez que permite os leitores a compreender a falta de justificativa para os inúmeros abusos perpetrados pela burguesia, como o tratamento do Brás Cubas com o Prudêncio quando eram crianças, o narrador personagem explorava o menino por diversão.

Ainda hoje essa representação da raça e desigualdade social é usada como forma de exposição e denúncia. Infelizmente, esse traço racista se tornou algo estrutural nos dias de hoje. Mesmo após o fim da escravidão, a sociedade brasileira continuou a carregar consigo as marcas e as consequências de um sistema explorador, que se manifestam de diferentes maneiras na vida cotidiana e nas relações sociais, assim como é citado pelo crítico:

Sem prejuízo da aparência postiça, estranha ao andamento cotidiano dos negócios, este dado é mais inseparável do quadro que a própria escravidão, a qual adiante seria substituída por outras formas de trabalho compulsório, também elas incompatíveis com a pretensão esclarecida. Corrido o tempo, a marca ubíqua de inautenticidade veio a ser concebida como a parte mais autêntica do espetáculo brasileiro, algo como um penhor de identidade

(SCHWARZ, 1987, p. 12)

Diante dessas abordagens de abuso físico e mental e exploração do trabalho foi usada uma figura para uma representação nesse tema, uma busca por ampliar a clareza e atrair diversos públicos, recorreu-se a um tipo de personagem que simboliza a desigualdade. Esse personagem, amplamente utilizado, é conhecido como herdeiro. Segundo Candido (1993), as posições sociais e o nível econômico, constituem a preocupação central dos personagens nas obras.

O conceito de herdeiro pode ser interpretado de várias maneiras, mas geralmente está associado à ideia de legado cultural, social ou econômico que é transmitido de uma geração para outra. O herdeiro pode ser tanto uma figura individual quanto uma representação simbólica de uma comunidade ou de toda uma nação (CANDIDO, 1995).

Em muitos romances brasileiros, o herdeiro é retratado como alguém que enfrenta o desafio de conciliar o passado com o presente, as tradições com as mudanças, e as expectativas familiares com suas próprias aspirações individuais (CANDIDO, 1995). Esse conflito entre o legado do passado e as demandas do presente geram tensões e dilemas emocionais para o personagem. Um exemplo disso é o narrador-personagem, Eulálio Montenegro, da obra *Leite Derramado* de Chico Buarque. Que é um personagem que narra toda sua vida em um leito de hospital, enquanto ele narra é possível perceber o declínio social e financeiro que houve na vida do herdeiro.

Além disso, o herdeiro também pode ser visto como um símbolo das desigualdades sociais e econômicas do Brasil, especialmente no que diz respeito à transmissão de riqueza, poder e privilégio de uma geração para outra (SCHWARZ, 2000).

Um exemplo de obra brasileira que utiliza o herdeiro como figura representativa da desigualdade social é *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Embora o protagonista não seja explicitamente chamado de herdeiro, Brás Cubas, pertencente à elite social, é filho de um rico proprietário de terras e herda uma grande fortuna. A narrativa de Brás Cubas revela como ele vive uma vida de privilégio, sem nunca precisar trabalhar ou enfrentar as dificuldades financeiras que afetam muitos outros personagens da história (SCHWARZ, 2000).

Uma característica crucial nos personagens herdeiros é a tendência à distorção da percepção da classe escravizada. Essa distorção é evidente, por exemplo, em obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Leite Derramado*, onde os herdeiros normalizam as práticas de exploração dos escravizados como algo aceitável e até mesmo justificável. Além disso, esses personagens frequentemente retratam os escravizados como culpados ou provocadores das próprias situações opressivas, um exemplo disso é o comportamento do narrador-personagem Brás Cubas, que quando criança brincava de fazer seu escravo de cavalo subindo em suas costas, ou quando Eulálio, em *Leite Derramado*, sentiu atração por seu escravo, mas distorce a situação, colocando a culpa no escravo por provocá-lo. Essas representações revelam não apenas a mentalidade dos herdeiros, mas também a profundidade da desumanização e da injustiça social presente na sociedade da época.

Em resumo, o tema do herdeiro no romance brasileiro oferece uma lente através da qual é possível examinar as relações familiares, sociais e políticas do país, bem como as questões de identidade, pertencimento e desigualdade que permeiam a sociedade brasileira. Ao explorar esse tema, os escritores brasileiros oferecem visões sobre as dinâmicas sociais e culturais do Brasil, ao mesmo tempo em que proporcionam aos leitores uma reflexão sobre suas próprias experiências e valores.

2. “Memórias póstumas de Brás Cubas”

2.1. O romance machadiano depois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

A escrita de Machado de Assis passou por fases distintas, conforme analisado por Candido (1995): a fase da formação, a fase intermediária e a fase da maturidade. É de suma importância observarmos essas etapas, pois elas marcam uma evolução significativa na história da literatura brasileira, especialmente após a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma obra que representa um divisor de águas na carreira do autor. Os críticos frequentemente dividem a produção literária de Assis em duas grandes fases: a fase da formação e a fase da maturidade, como considerado pelo crítico:

Sob o rapaz alegre e mais tarde o burguês comedido que procurava ajustar-se às manifestações exteriores, que passou convencionalmente pela vida, respeitando para ser respeitado, funcionava um escritor poderoso e atormentado, que recobria seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade. Na razão inversa da sua prosa elegante e discreta, do seu tom humorístico e ao mesmo tempo acadêmico, avultam para o leitor atento as mais desmedidas surpresas. A sua atualidade, vem do encanto quase intemporal do seu estilo e desse universo oculto que sugere os abismos prezados pela literatura do século XX. E a este propósito é interessante dar um repasso nas diferentes etapas da sua glória no Brasil, para avaliar as suas muitas faces e o ritmo com que foram descobertas.

(CANDIDO, 1995, p. 18)

A primeira fase abrange suas obras anteriores a *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, também conhecida como a fase de formação ou intermediária. Durante esse período, Machado de Assis seguia os padrões da Academia Brasileira de Letras, com uma escrita formalista e convencional, característica de um estilo bem "patriarca". Durante esse período, sua produção literária era influenciada por um tom mais sério e reflexivo, muitas vezes sendo descrita como uma fase "filosofante". Alguns críticos consideram essa fase medíocre, pois sua escrita não se destacava, assemelhando-se à de outros membros da Academia de Letras, sem apresentar grandes inovações estilísticas ou temáticas.

A segunda fase, que ocorre após a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é conhecida como a fase da maturidade. Neste período, Machado de Assis abandonou o formalismo anterior e adotou um estilo mais crítico, irônico e

introspectivo. Suas narrativas tornaram-se mais complexas, abordando temas como a condição humana, a hipocrisia social e a subjetividade. A ironia e o humor tornaram-se marcas registradas de sua escrita, permitindo-lhe explorar as contradições da sociedade brasileira do século XIX com uma profundidade que não se encontrava na época. Machado de Assis usava do bom humor e da ironia para abordar temas profundos e complexos, mostrando uma maestria linguística que se tornaria sua marca registrada (CANDIDO, 1995). Essa mudança trouxe uma renovação à literatura brasileira, o que podemos chamar de herança de Machado de Assis, pois após ele muitos outros personagens foram feitos com profundidade psicológica.

Neste capítulo, serão analisadas as características da escrita de Machado de Assis na fase pós *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ou seja, durante sua fase de maturidade. Será destacado como seu estilo saiu das “asas” do formalismo e se tornou uma escrita com uma ironia fina, rica em humor e ao mesmo tempo de boa linguagem.

Schwarz (1990), ao analisar a obra de Machado de Assis, destaca como o autor transformou questões filosóficas complexas em elementos centrais de sua ficção. Tradicionalmente consideradas inaplicáveis à literatura, por serem impalpáveis ou muito sérias, essas questões filosóficas são integradas por Machado como uma base estratégica para explorar a subjetividade humana. Ele utiliza a comédia dos interesses implicados em atividades como classificar, esquematizar e abstrair, transformando-as em componentes originais de sua narrativa (CANDIDO, 1995). Esse enfoque permite que Machado investigue a natureza humana e as motivações individuais de maneira crítica, revelando as contradições das ações e pensamentos de seus personagens.

Enquanto o realismo tradicional buscava retratar a realidade de forma objetiva, a obra de Machado questiona essas premissas e incorpora uma análise filosófica mais subjetiva. Ao fazer isso, ele desafia as convenções literárias de sua época e oferece uma nova perspectiva sobre a narrativa ficcional.

Assim como a escrita em geral é influenciada pelo contexto histórico dos escritores, é fundamental destacar que, nas obras de Machado de Assis, o contexto

histórico desempenha um papel importante na construção de seus textos. Pois, no século XIX a opressão contra a classe minoritária e a exploração no trabalho era mais desabrochado, a burguesia era dominante na sociedade. Assis então construiu o feito que determinou sua maturidade, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, com base nesse contexto e se fez então a oportunidade de criticar aquele contexto histórico em que vivia.

Ao analisar as obras de Assis na fase da maturidade, é possível perceber que existem vários pontos que se destacam para além do cenário e do contexto histórico e social, penetrando na construção dos personagens. Assis fez o que os outros escritores não costumavam fazer em suas obras, ele dava ênfase em seus personagens, dando importância para além do protagonista. Pois, foi um marco do realismo explorar os cenários e contextos históricos, mas os personagens não eram explorados com grande importância. Machado, porém, trouxe significado para cada um.

Além disso, Candido (1995) considera que essa fase da maturidade de Assis foi uma fase de bastante abordagem psicológica. Ele explora meticulosamente o âmbito psicológico de cada um, abordando suas complexidades internas. Essa profundidade psicológica dá aos personagens uma dimensão humana e realista, o que permite aos leitores identificar em cada um deles uma representação social. Dessa forma, Assis constrói seus personagens de uma forma que não era vista antes, com uma profundidade e importância dentro da história, não apenas como um figurante no cenário. Além de usar dos personagens como uma composição da história de Brás, o autor usa disso como uma forma de expor as relações da sociedade, com enfoque na visão do herdeiro, que é o narrador.

Na obra de Machado, os personagens são frequentemente utilizados como veículos para uma crítica social. Um exemplo notável é a personagem Eugênia, que, ao se encontrar com Brás Cubas, aparece desprovida de enfeites: brincos, broche ou pulseiras.

Para receber o rapaz, a moça desveste os enfeites costumados, e aparece sem brincos, broche ou pulseira. É uma solução poética e exigente, ditada pela suscetibilidade. Ao marcar as diferenças materiais, Eugênia corta as fantasias de paridade social e mostra conhecer o seu lugar; entretanto, é claro que o gesto tem mais outro sentido, pois prescindir de quinquilharia externa é também lembrar a igualdade essencial entre os indivíduos e proibir ao moço tratá-la como inferior.

(SCHWARZ, 1990, p. 86)

Esta cena é emblemática da forma como Assis explora as dinâmicas sociais e as disparidades entre classes. Como é descrito por Brás na obra:

Sem as bichas de ouro, que trazia na véspera, lhe pendiam agora das orelhas, duas orelhas finamente recortadas numa cabeça de ninfa. Um simples vestido branco, de cassa, sem enfeites, tendo ao colo, em vez de broche, um botão de madrepérola, e outro botão nos punhos, fechando as mangas, e nem sombra de pulseira.

(ASSIS, 1999, p. 43)

Ao despir-se de adornos, Eugênia não apenas reconhece a diferença de status entre ela e Brás Cubas, mas também rompe qualquer ilusão de igualdade. Sua ação é uma forma sutil de reafirmar sua consciência de classe e de expor a superficialidade das pretensões burguesas. Machado, através dessa escolha narrativa, critica a estrutura social hierárquica e revela a superficialidade das relações sociais no contexto da sociedade burguesa.

É observado por Candido (1995) uma transformação do homem em objeto do homem, sendo uma das temáticas centrais da obra de Assis. Em que as pessoas que possuem mais poder tiram da classe minoritária a liberdade, não somente econômica como espiritual. Em suas obras, essa desumanização aparece de várias formas, desde as manifestações mais sutis de egoísmo até os extremos do sadismo e da pilhagem monetária. Essa abordagem revela a grande crítica por trás da escrita de Assis. E isso é muito bem abordado através da complexidade e individualidade dos personagens do autor.

Além disso, o autor examina criticamente o status social de seus personagens, expondo as hipocrisias e injustiças da sociedade de sua época. Ele utiliza diálogos perspicazes para destacar essas questões, muitas vezes empregando uma ironia sutil que se tornou uma marca registrada de seu estilo. Essa ironia não apenas adiciona humor às suas narrativas, mas também serve como uma ferramenta crítica, permitindo-lhe comentar sobre a sociedade de maneira indireta e sofisticada.

Pela sua obra toda há um senso profundo, nada documentário, do status, do duelo dos salões, do movimento das camadas, da potência do dinheiro, O ganho, o lucro, o prestígio, a soberania do interesse são molas dos seus personagens. aparecendo em Memórias Póstumas de Brás Cubas, avultando em Esaú e Jacó, predominando em Quincas Borba, sempre

transformado em modos de ser e de fazer. E os mais desagradáveis, os mais terríveis dos seus personagens. são homens de corte burguês impecável, perfeitamente eretos nos mores da sua classe.
(CANDIDO, 1995, p. 31)

Uma outra marca da maturidade de Machado de Assis, conforme analisado por Candido (1995), é a sua imparcialidade. Mesmo ao expor as atitudes da alta sociedade brasileira do século XIX, o autor não escolhe lados nem emite julgamentos explícitos. Essa imparcialidade é uma ferramenta para revelar as hipocrisias e contradições da sociedade. Ele observa e retrata os vícios e virtudes humanas sem condená-los abertamente, criando um espelho no qual a sociedade pode se refletir. Essa abordagem permite que suas críticas sejam mais sutis e, portanto, mais impactantes. Em vez de impor uma visão moralista, é como se houvesse uma confiança na inteligência do leitor para discernir as verdades escondidas sob a superfície de suas narrativas.

qual a diferença entre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado? Machado de Assis passou a vida ilustrando essa pergunta, que é modulada de maneira exemplar no primeiro e mais conhecido dos seus grandes romances de maturidade: Memórias Póstumas de Brás Cubas.
(CANDIDO, 1995, p. 27)

Schwarz (1990), ao analisar a obra de Assis, destaca um aspecto do humor machadiano: a crítica irônica à sociedade brasileira, especialmente aos setores que se esforçavam para imitar os costumes europeus. Segundo o crítico, esses setores europeizantes da sociedade brasileira tentavam participar da civilização burguesa, mas de uma forma semi distanciada. Em outras palavras, a adoção dos valores e comportamentos europeus por essas elites não era completa. Eles invocavam a civilização burguesa para se legitimar, mas falharam em cumprir plenamente esses padrões, criando uma adesão alternada e indefinida.

Ou seja, sempre tendo em vista a natureza do humor machadiano: os setores europeizantes da sociedade brasileira participavam sim da civilização burguesa, embora de modo peculiar, semidistanciado, que levava a invocá-la e descumpri-la alternada e indefinidamente.

(SCHWARZ, 1990, p. 43)

Essa observação de Schwarz revela a habilidade de Assis em expor a superficialidade e a inconsistência da elite brasileira de sua época. Ao utilizar o humor e a ironia, Assis conseguia criticar a hipocrisia dessas tentativas de europeização. Suas obras mostram como esses setores sociais oscilavam entre a

invocação de valores europeus e a incapacidade de aderir a eles de forma autêntica. Esse comportamento semi distanciado não apenas refletia a complexidade da identidade brasileira, mas também sublinhava a fragilidade das aspirações da elite, que buscava se afirmar através de uma imitação superficial da Europa.

Schwarz (1990) também observa que uma característica da obra de Machado de Assis é a volubilidade do protagonista, uma figura do meio burguês. Machado utiliza a burguesia como sua principal ferramenta de crítica social, explorando sua inconstância e superficialidade. Como Schwarz aponta: "Assim, embora em negativo, o espírito burguês é parte constituinte da volubilidade machadiana, cujas manifestações dependem dele até o detalhe" (1990, p. 44). Isso revela como o comportamento mutável do protagonista de Machado está intrinsecamente ligado às características e contradições do espírito burguês, que é detalhadamente dissecado em suas obras.

Com essas análises feitas pelos críticos Antônio Candido (1995) e Roberto Schwarz(1990) é possível perceber que a mudança de Assis foi para além da estrutura da escrita, a qual continuou sendo de uma grande maestria. É perceptível a maturidade do autor, que foi uma transição da fase filosofante para uma fase psicológica na construção de seus personagens, pois foram ferramentas importantes na formação de uma história completa no que se propõe. As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* entrega ao leitor humor, ironia, história, personagens completos e intensos e crítica ao contexto social. Essa característica psicológica na escrita se perdurou nas obras seguintes, as mais citadas são *Esaú e Jacó* e *Quincas Borba*, nas quais também representam críticas à burguesia e abordam assuntos mais psicológicos com a construção mais profunda de seus personagens.

2.2. Trabalho, raça e classe em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

O contexto histórico do século XIX era marcado por uma sociedade exploradora, onde a classe dominante explorava a classe minoritária. Na obra de Machado de Assis, é impossível dissociar trabalho, raça e classe, pois esses elementos estão intrinsecamente ligados no contexto daquela época. O trabalho era

frequentemente determinado pela raça, e a posição social era uma consequência direta desses dois fatores. Como mencionado em outros capítulos deste trabalho, o contexto histórico é de grande relevância nas obras de Machado de Assis, e em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ele expõe o cenário real do trabalho na época.

É importante ressaltar que a sociedade brasileira naquela época tinha os ideais europeus e o objetivo era ser cada vez mais parecido com os europeus. Alguns críticos consideram ser vergonhoso e irritante. Em tudo se copiava os europeus, os costumes trabalhistas, a forma de se vestir, até mesmo a escrita literária, porém, na construção de *Memórias Póstumas*, Assis entregou originalidade e expôs toda a dinâmica da sociedade, em que o foco é na burguesia (SCHWARZ, 1977). Porém, não existiria a burguesia no século XIX se não fosse a classe minoritária, pois os escravizados assumiram a maior parte dos trabalhos de força e sustentaram os setores agrícolas e industriais do país através da plantação de açúcar, café e algodão.

Na obra de Machado de Assis, toda a narrativa é moldada pela perspectiva do protagonista, Brás Cubas “Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio.” (ASSIS, 1999, p. 2). A história é contada a partir do ponto de vista dele, o que significa que a realidade apresentada ao leitor é filtrada por suas percepções e interpretações. Essa escolha narrativa permite ao autor explorar de maneira crítica as questões sociais, trabalhistas e raciais da época. Betella (2007) considera que a história sendo narrada em primeira pessoa causa uma sensação de menos confiável, já que aquele é o seu ponto de vista e o único que conheceremos nessa história, mas sendo uma forma de preservação da burguesia.

Uma das formas mais comuns escolhidas por essa preservação burguesa foi a narrativa em primeira pessoa, verdadeiro expediente para criar intimidade e cumplicidade com o leitor, graças ao acesso imediato deste à mente do protagonista.

(Betella, 2007, p.22)

Machado utiliza a visão e as interações de Brás Cubas para construir uma representação das diferentes classes sociais. Através dos olhos do protagonista, o leitor é apresentado a uma gama de personagens que personificam as várias camadas sociais. A forma como Brás Cubas vê e trata esses personagens revela

muito sobre as relações de poder, a exploração e as desigualdades presentes na sociedade brasileira do século XIX. Como essa cena descrita na obra em que Brás fala do tratamento de Cotrim com os escravos, como se estivesse justificando os atos de agressão:

O único fato alegado neste particular era o de mandar com freqüência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.

(ASSIS, 1999, p. 118)

Embora sejam indissociáveis, será analisado como cada um dos temas (trabalho, raça e classe) é abordado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e identificar quais personagens são utilizados para representar tanto a classe minoritária quanto a burguesia. Será analisado como Assis utiliza figuras específicas para dar voz a essas questões, explorando as relações sociais e econômicas da época através de suas interações e papéis na narrativa.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Assis utiliza a figura de Brás Cubas para fazer uma crítica às relações de trabalho na sociedade brasileira do século XIX. Brás Cubas, pertencente à elite, representa a classe dominante que vive às custas do trabalho alheio. A vida de Brás Cubas é marcada por uma série de empreendimentos fracassados e fúteis, revelando seu distanciamento e desprezo pelas atividades produtivas. Essa postura reflete a alienação da elite em relação ao trabalho e mostra a exploração dos trabalhadores que sustentam essa classe parasitária.

Em sua vida inteira, Brás Cubas teve diversas tentativas de construir algo significativo em sua vida, mas falhou em todas, Brás levou uma vida medíocre, o que é narrado por ele mesmo sobre sua faculdade “A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel;” (ASSIS, 1999, p. 31) Faleceu sem ter feito nada que pudesse contribuir para a nação. O protagonista vivia para usufruir do dinheiro do seu pai, ou seja, sempre estava usufruindo de algo que não foi conquistado por si e só se preocupava em manter seu nome em alta, sempre nos holofotes, por causa da sua

posição social. Até mesmo no plano de casar-se, Brás falhou. Como é narrado na obra, em que se encontra em uma posição de comparação e frustração:

Quando me lembrava do Lobo Neves, que era já deputado, e de Virgília, futura marquesa, perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves, — eu, que valia mais, muito mais do que ele, — e dizia isto a olhar para a ponta do nariz...

(ASSIS, 1999, p. 56)

O protagonista é dono de escravos, fútil, superficial, sempre estava preocupado com aparências. Ele segue a trajetória de um burguês da época: tem uma amante com quem gasta dinheiro, estuda na Europa, consegue um diploma, tenta a carreira política e, para isso, precisa de um casamento, no qual também vem a falhar e além disso, valoriza as aparências, o título, a origem social, sem contribuir, de fato, para o crescimento do país.

O Autor parece querer mostrar a inutilidade do protagonista na sociedade, como se fosse um sanguessuga. Observando as representações dos personagens na obra, é possível perceber que além de representar toda a classe burguesa, ele representa a burguesia em si. Pois é uma classe e um estilo de vida que serviu apenas para explorar e usufruir daquilo que não foram eles que construíram, quer dizer, diziam que as terras eram suas, porém quem construiu todo o império de plantações e que sustentava o capital da classe majoritária eram os escravizados. Então assim como Brás Cubas, a burguesia funcionava como um sanguessuga, na qual não contribuía com nada na sociedade. A burguesia apenas usufruía dos luxos e dos holofotes enquanto os escravizados construíam os impérios para seus senhores, isso é muito bem representado pela figura de Brás Cubas.

A obra evidencia a desigualdade social através das interações de Brás Cubas com personagens de classes inferiores. Por exemplo, a relação de Brás Cubas com Dona Plácida é marcada por beneficiação e exploração, revelando a indiferença da elite em relação às dificuldades enfrentadas pelos pobres. Machado de Assis, assim, expõe a disparidade entre a vida confortável dos ricos e a luta diária pela sobrevivência dos trabalhadores que naquela época tinham que se submeter a situações contra suas vontades, simplesmente porque aquela situação de trabalho que se encontravam vinha junto com a falta de autonomia.

A Dona Plácida, que ajuda a acobertar os encontros de Brás com Virgília, é um exemplo de como o autor representa a classe trabalhadora. Dona Plácida, é uma mulher de origem humilde que trabalha como ama de leite e empregada, exemplifica a precariedade e a falta de autonomia enfrentadas pelos trabalhadores. Ela teve que se submeter a fingir ser dona de uma casa apenas para que sua senhora pudesse cometer adultério com Brás Cubas, sem ao menos poder impor qualquer tipo de objeção, pois este era o posto da classe trabalhadora da época, apenas obedecer os exploradores. Além disso, é uma mulher que mostra saber o seu lugar diante da sociedade. Como narrado por Brás, “Note-se que, longe de termos horror ao método, era nosso costume convidá-lo, na pessoa de D. Plácida, a sentar-se conosco à mesa; mas D. Plácida não aceitava nunca.” (ASSIS, 1999, p.186)

Além disso, embora a escravidão não seja o tema central de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Assis incorpora elementos que refletem a realidade do trabalho compulsório. Personagens como Dona Plácida e outros trabalhadores são retratados de forma a mostrar como a herança da escravidão continua a influenciar as relações de trabalho e a perpetuar a desigualdade. A ausência de oportunidades e a exploração contínua de trabalhadores negros e pobres são temas implícitos que reforçam a crítica social presente na obra. Dona Plácida tinha nojo da situação em que tinham colocado-a, que seria o cenário de traição da Virgília e Brás Cubas, porém ela não poderia negar por ser escrava de Virgília, como é narrado por Brás “Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste.” (ASSIS, 1999, p. 77)

Um exemplo de como é tratado a questão racial dentro da obra é o personagem Prudêncio, que foi dado como escravo a Brás Cubas quando ainda era apenas uma criança. Prudêncio era chamado de “um moleque de casa” e era usado de cavalo do “menino diabo” todos os dias. O pequeno escravizado era obrigado a colocar as mãos no chão, recebia uma corda no seu queixo para ser usado de freio e Brás montava em seu dorso segurando uma vara na mão e ia dando batidas no pequeno e fazendo-o dar várias voltas sem poder reclamar, algumas vezes gemia de dor e recebia como resposta de Brás “Cala a boca, besta!”. Essa cena representa um pouco do que os escravizados tinham que passar apenas por serem de uma

raça diferente dos burgueses. Prudêncio representa, então, a classe minoritária, a classe que foi explorada. Como é narrado pelo Brás na obra:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!”

(ASSIS, 1999, p. 15)

Brás Cubas, como representante da burguesia na obra, exemplifica de maneira clara a natureza exploradora e opressora dessa classe. Um exemplo marcante ocorre quando o protagonista, aos apenas cinco anos de idade, agride uma escrava, quebrando-lhe a cabeça simplesmente porque ela se recusou a lhe dar uma colher do doce que estava preparando. Esse episódio evidencia a crueldade e a desumanização com que a elite tratava os escravos, refletindo a brutalidade e a insensibilidade inerentes às relações de poder da época. Como é narrado pelo Brás na obra:

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos.

(ASSIS, 1999, p. 54)

Essa cena ilustra mais uma vez a falta de autonomia dos escravizados, que eram privados de voz até mesmo nos mínimos detalhes do cotidiano. O episódio em que a escrava é brutalmente agredida por Brás Cubas, ainda criança, por se recusar a lhe dar uma colher de doce antes de estar pronto, exemplifica como os escravizados não podiam expressar sequer uma simples recusa sem sofrerem repreensão. Essa cena expõe a desumanização constante a que eram submetidos, incapazes de exercer qualquer forma de controle sobre suas próprias ações e escolhas.

Eugênia é a personagem que representa a classe social menos privilegiada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ela é uma jovem de família simples que foi uma potencial noiva para Brás Cubas. A diferença de classe é acentuada quando

ela encontra Brás Cubas sem seus habituais adornos, como colar, brincos e pulseiras, destacando sua inferioridade material e, conseqüentemente, social. Como é narrado por Brás:

Eugênia desataviou-se nesse dia por minha causa. Creio que foi por minha causa, — se é que não andava muita vez assim. Sem as bichas de ouro, que trazia na véspera, lhe pendiam agora das orelhas, duas orelhas finamente recortadas numa cabeça de ninfa. Um simples vestido branco, de cassa, sem enfeites, tendo ao colo, em vez de broche, um botão de madrepérola, e outro botão nos punhos, fechando as mangas, e nem sombra de pulseira.

(ASSIS, 1999, p. 43)

Esta representação de Eugênia como símbolo das disparidades de classe é analisada pelo crítico Roberto Schwarz, que explora como Machado de Assis utiliza esses detalhes para sublinhar as divisões sociais da época. O crítico afirma essa característica:

Para receber o rapaz, a moça desveste os enfeites costumados, e aparece sem brincos, broche ou pulseira. É uma solução poética e exigente, ditada pela suscetibilidade. Ao marcar as diferenças materiais, Eugênia corta as fantasias de paridade social e mostra conhecer o seu lugar; entretanto, é claro que o gesto tem mais outro sentido, pois prescindir da quinquilharia externa é também lembrar a igualdade essencial entre os indivíduos e proibir ao moço tratá-la como inferior.

(SCHWARZ, 1990, p.86)

A interação entre Brás Cubas e Eugênia revela uma dinâmica psicossocial complexa entre personagens de diferentes classes sociais. Em certo momento, Brás Cubas considera a possibilidade de se apaixonar genuinamente por Eugênia e casar-se com ela, mas logo sente um desconforto ao imaginar ter filhos com ela. Como é citado pelo crítico:

Na segunda, cujo clima abjeto é determinado pelo prévio reconhecimento da dignidade da moça, trata-se de desrespeitar esta igualdade e gozar as vantagens da própria riqueza e posição, complementares, naturalmente, da pobreza e falta de situação de eugenia.

(SCHWARZ, 1990, p.86)

Esse desconforto reflete um desrespeito à dignidade de Eugênia e à igualdade entre dois seres humanos, evidenciando o aproveitamento de sua ascendência socioeconômica. Embora Brás Cubas reconheça o valor de Eugênia, ele opta por ignorá-lo para preservar seu status e privilégios. Esse comportamento

destaca as barreiras impostas pelas diferenças de classe e a insensibilidade da elite perante os sentimentos e aspirações dos menos favorecidos.

Um outro ponto tratado por Schwarz e que devemos considerar sobre a personagem Eugênia é que o destino dela poderia acabar de uma forma diferente, ela poderia se tornar uma senhora ou acabar como acabou, pedindo esmola em um cortiço, mas isso dependeria de pessoas que possuíam bens, de um moço ou de uma família rica. Ou seja, depende de um privilégio da classe dominante.

O autor utiliza a ironia para intensificar sua crítica ao trabalho e às relações de classe. A narrativa de Brás Cubas, com suas reflexões cínicas e desiludidas, desmascara as hipocrisias da elite dominante. Através de sua perspectiva, o leitor é levado a questionar a justiça e a moralidade de uma sociedade que permite tamanha disparidade entre ricos e pobres. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é, portanto, uma obra que não apenas retrata a vida de um homem da elite, mas também faz uma crítica análise das relações de trabalho e das desigualdades sociais da época.

2.3 Brás Cubas: o herdeiro rentista e a elite brasileira do século XIX

A obra em questão é uma biografia de um herdeiro, um personagem "rico e desocupado". Através dessa narrativa, os leitores acompanham o nascimento, a infância, seus estudos de Direito em Portugal, seus romances e a sua morte.

Como já mencionado, o protagonista da obra, Brás Cubas, é o representante da elite brasileira. Através desse personagem, é possível observar como a burguesia da época era exploradora, fútil e hipócrita. Brás Cubas personifica as características negativas da elite, revelando a ociosidade, a superficialidade e a moralidade duvidosa que permeavam essa classe social. Um exemplo disso seria sua relação com Virgília com a prática do adultério, o que revela ao leitor a hipocrisia da burguesia

Machado de Assis utiliza Brás Cubas para criticar a falta de valores éticos e a indiferença da burguesia em relação às desigualdades e injustiças sociais de seu tempo.

Brás Cubas viveu sua vida em um meio em que manter a boa imagem é importante, isso cabe ter uma boa formação e ter uma ocupação importante na sociedade, porém o protagonista viveu toda sua vida em busca disso e nunca saiu do lugar, o único papel em que foi bem sucedido foi de ser um herdeiro rentista, usufruindo da riqueza que seu pai deixou de herança para ele e sua irmã. Ele planejou ser um político e falhou, planejou se casar e falhou também. Passou toda uma vida executando apenas um papel de herdeiro. Brás Cubas passa a vida envolvido em projetos fúteis e romances passageiros, sem demonstrar qualquer compromisso com o trabalho produtivo ou com causas sociais. Como narrado por si mesmo sobre seu fracasso em vida “Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto.” (ASSIS, 1999, p. 140)

Assim como Brás Cubas, a burguesia do século XIX no Brasil é superficial e não se destacou pela construção de feitos relevantes com esforço próprio, mas sim por usufruir das conquistas alcançadas através do trabalho forçado daqueles que estavam em situação de escravidão (SCHWARZ, 2000). O narrador-personagem reflete essa dinâmica ao não demonstrar habilidades ou contribuições que beneficiassem a sociedade como um todo. Em muitos aspectos, a elite burguesa funcionava como um herdeiro rentista: não se engajava em atividades produtivas, mas sim desfrutava dos frutos do trabalho alheio, especialmente dos escravos que sustentavam sua riqueza e status.

Essa analogia com Brás Cubas não apenas mostra a inatividade econômica da elite, mas também aponta para uma crítica sobre a estrutura social e econômica da época. A elite não apenas se beneficiava da exploração humana e econômica, mas também perpetuava um sistema que privilegiava o status hereditário sobre o mérito individual e contribuições significativas à sociedade. Machado de Assis, através de sua narrativa, oferece uma reflexão sobre as desigualdades e contradições da elite brasileira, destacando sua dependência de um sistema de exploração que minava a dignidade e os direitos dos menos favorecidos.

Brás Cubas desde criança foi uma representação negativa da elite, sendo chamado de “menino diabo”, pois era uma criança má. O protagonista expõe os

cenários de suas travessuras contra as pessoas desfavorecidas, como a forma que tratava Prudêncio quando o fazia de cavalo ou quando quebrou a cabeça de uma escrava apenas por ter negado lhe dar uma colher de doce que estava fazendo. Esses cenários representam o tratamento cruel e explorador da elite contra a classe desfavorecida. Como a cena narrada por Brás, que mesmo fazendo travessuras contra os escravos e convidados o pai ainda lhe mimava e admirava, como se fosse um apoio às atitudes erradas que ele praticava:

Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

(ASSIS, 1999, p. 15)

O protagonista vive em busca de construir algo relevante e todas as suas tentativas são falhas. Ele vai estudar direito em Coimbra, mas durante sua vida nunca trabalhou e construiu algo de fato seu. Então assim surge a nossa oportunidade de falar sobre uma das características do herdeiro, a volubilidade. Brás Cubas demonstra uma notável capacidade de alternar entre diferentes estados de humor e opiniões ao longo de toda a narrativa, o que se torna uma característica de seu personagem. Essa volubilidade traz ao romance uma dinâmica que reflete as tensões na sociedade. Brás Cubas exemplifica um tipo de expansão sem fronteiras, uma busca incessante por satisfação pessoal e experimentação, características que são fundamentais para entender a crítica social presente na obra. Como afirma o crítico:

A volubilidade inicialmente nos apareceu como a feição mais saliente do narrador; seria um traço subjetivo, uma disposição passageira, corrigida logo adiante? Vimos que não: ela é o pendur permanente de todos; designaria, neste caso, uma insuficiência metafísica do ser humano
(SCHWARZ, 1990, p. 62)

O conhecimento do Brás é vasto, porém consegue ser extremamente limitado e exagerado, funcionando quase como uma paródia. Ele sempre se coloca como um conhecedor de tudo, porém é superficial. E havia nele, assim como em toda a sociedade da época, uma tendência a imitar os costumes europeus (SCHWARZ, 2001). Brás sempre se mostra com um comportamento caprichoso, ele sempre tenta comentar sobre as experiências humanas como se tivesse autoridade sobre elas.

Esse capricho e superficialidade se tornam características dominantes de Brás. Como é citado pelo crítico:

Noutras palavras, um show de cultura geral caricata, uma especie de universalidade pacotilha, na melhor tradição patria, em que o capricho de Bras Cubas toma como provincia a experiencia global da humanidade e se absolutiza. Já não se trata de uma disposição passageira, psicológica ou estilística, mas de um principio rigoroso, sobreposto a tudo, e que portanto se expõe e se pode apreciar em toda linha. Esta universalização assenta o eixo que dá potência ideológica às Memórias

(SCHWARZ, 1990, p. 32)

Essa característica de Brás Cubas, de exhibir um conhecimento abrangente e uma suposta sabedoria em diversas áreas, revela-se como uma estratégia para proteger seus interesses dentro da sociedade. Como qualquer burguês de sua época, Brás se preocupa profundamente com a imagem que projeta no meio social em que vive (SCHWARZ, 1977). Ele utiliza seu intelecto aparentemente vasto não apenas para impressionar, mas também para se posicionar favoravelmente entre seus pares e proteger seus privilégios. Essa preocupação com a imagem reflete não apenas vaidade, mas também uma necessidade de preservar seu status e influência, garantindo sua posição confortável e respeitável na hierarquia social da qual faz parte.

Um exemplo marcante da vaidade social de Cubas é sua interação com Eugênia, uma jovem de família simples, que ele considera inadequada devido à sua deficiência física, que ele intitula por “coxa”. Inicialmente, Brás Cubas contempla a possibilidade de se envolver com Eugênia, mas logo se sente desconfortável ao imaginar ter um filho com uma pessoa que ele considera socialmente inferior, considerando-a “moça mal nascida”. Esse episódio ilustra como Brás desrespeita a dignidade de Eugênia, optando por não casar-se com ela para preservar sua imagem e status na sociedade.

Ao ler a obra o leitor vai se envolvendo pelo ritmo e pela amplitude da imaginação de Brás Cubas, que se revela permeada por um ar de superioridade. No entanto, associadamente à ostentação de suas reflexões, surgem humores que compõem um mundo marcado por desarranjos mentais, tanto do protagonista quanto de outros personagens. Desde as primeiras páginas, Brás Cubas apresenta delírios, uma fixação obsessiva pela fama e mentiras contadas com convicção, criando um cenário de excentricidades rotuladas. A volubilidade do protagonista,

caracterizada por uma maneira exagerada de se vangloriar, se mescla naturalmente a esses elementos, funcionando como mais uma faceta dessa complexa narrativa que simultaneamente eleva e diminui a seriedade das reflexões do protagonista.

Com o intuito de explorar a hipocrisia da elite brasileira, Machado de Assis aborda a complexidade da relação extraconjugal de Brás Cubas com Virgília. A elite do Brasil do século XIX frequentemente se autodefinia como conservadora e defensora dos valores morais e familiares, mas na prática esses valores muitas vezes serviam apenas para manter uma fachada de respeitabilidade. Brás e Virgília, conscientes das expectativas sociais e dos olhares feitos pela sociedade, elaboram um plano para manter seu relacionamento em segredo. Então Brás decide alugar uma casa discreta para seus encontros, uma estratégia destinada a preservar suas reputações e evitar escândalos que poderiam comprometer suas posições na sociedade. Essa cena ilustra o momento em que eles quase são pegos pelo marido de Virgília:

Virgília fez-se da cor das rendas do vestido, correu até a porta da alcova; D. Plácida, que fechara a rótula, queria fechar também a porta de dentro; eu dispus-me a esperar o Lobo Neves. Esse curto instante passou. Virgília tornou a si, empurrou-me para a alcova, disse a D. Plácida que voltasse à janela; a confidente obedeceu.

(ASSIS, 1999, p. 105)

Ao retratar essa dinâmica, Assis revela como a elite não apenas violava seus próprios ideais morais, mas também manipulava as convenções sociais para seu próprio benefício. A relação entre Brás e Virgília é um exemplo da hipocrisia sistêmica que permeava a sociedade burguesa da época, onde as aparências eram mantidas para proteger os privilégios e a influência dos indivíduos envolvidos (SCHWARZ, 2001).

Schwarz (1990), em sua análise de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, destaca as pretensões da elite brasileira, representadas por Brás Cubas, e como essas pretensões são desproporcionais ao contexto histórico. Brás Cubas, embora inserido em um contexto que não se adequa completamente a suas ambições, encarna o princípio da tendência moderna. Ele não reconhece limitações e se sente intitulado a explorar tudo o que o mundo moderno tem a oferecer. Essa mentalidade

é distintiva em comparação com as condições de escravos e agregados, que viviam sob restrições sociais e econômicas.

Schwarz sugere que, ao adaptar o desejo por conhecimento e experiência às condições locais do Brasil, Brás Cubas personifica a aspiração burguesa de sua época. Essa adaptação revela as peculiaridades e limitações do contexto brasileiro, onde a elite burguesa, embora ansiosa por modernidade e progresso, estava profundamente enraizada em práticas sociais e econômicas arcaicas, como a escravidão e o patriarcado. A hipocrisia dessas aspirações são expostas através das ações e reflexões de Brás Cubas, que busca incessantemente afirmação e prazer, mas raramente encontra satisfação ou propósito genuíno. É possível representar essa adaptação ao desejo da sociedade brasileira em ser cada vez mais parecida com a sociedade e costumes europeus, porém ainda se mantinha arcaico diante da própria sociedade.

“Por que não quereria tudo um burguês brasileiro?” Esta pergunta retórica de Schwarz (2000) enfatiza a naturalidade com que a elite brasileira adota um desejo sem limites, refletindo a falta de autocrítica e a complacência com um sistema de exploração que lhes favorece. É possível perceber que Brás Cubas foi usado como representação da elite brasileira e para desmascarar a superficialidade e a hipocrisia da classe favorecida, que sempre está buscando incessantemente manter sua posição de privilégio e status, mesmo que isso signifique ignorar as realidades sociais e econômicas que sustentam seu conforto.

Em suma, ao analisar a crítica de Schwarz sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e ao analisar a obra em detalhes, somos levados a entender a complexidade do personagem principal e a forma como ele representa as contradições da elite brasileira. Brás Cubas, com suas pretensões e seu desejo incessante, serve como uma lente através da qual Machado de Assis critica a inércia e a hipocrisia da burguesia de sua época, revelando as profundas disparidades e injustiças que permeavam a sociedade brasileira do século XIX.

Capítulo 3. “Leite Derramado.”

3.1. O romance de Chico Buarque até *Leite Derramado*

Chico Buarque iniciou sua carreira literária através de publicações na imprensa, sua estreia como autor foi através de peças de teatro, como por exemplo a publicação de *Chapeuzinho Amarelo* (1970), uma obra infantil que ganhou destaque e foi adaptada para o teatro. A história, embora destinada ao público infantil, revelou o talento de Chico para usar a linguagem de forma criativa. Em seguida, ele lançou *Os Saltimbancos* (1977), uma peça de teatro musical infantil que se tornou um marco na cultura brasileira, adaptando o conto dos irmãos Grimm para a realidade do Brasil, com uma mensagem de união e resistência.

A primeira obra literária de ficção trazida ao público por Chico Buarque, no entanto, foi *Fazenda Modelo* (1974). Publicada em 1974, essa novela apresenta uma alegoria do país sob o regime autoritário, utilizando a metáfora de uma fazenda governada de forma opressiva para criticar o contexto político da época. Como cita o estudioso:

Quando compara o ambiente fabular da Fazenda com uma escola, Chico está propondo também aí um caminho de leitura para a obra e o momento histórico. Durante o período da ditadura militar, a expansão da educação e da Língua Portuguesa figuravam como parte do projeto de nacionalização dos militares, um projeto de unificação da identidade nacional.

(ESSENCIO, 2013, p. 16/17)

A partir dessa obra, a escrita de Buarque começou a se destacar pelo uso da ironia e da sátira para abordar questões políticas e sociais do Brasil. Essa característica se tornaria uma marca registrada de sua produção literária, refletindo sua visão crítica em relação à realidade brasileira. Buarque foi das canções à ficção. Segundo Essencio (2013), *Fazenda Modelo* foi um sucesso em 1975, sendo o livro mais vendido. Porém, a crítica não deu a mesma visibilidade para a obra.

Com essa dispensabilidade por parte da crítica da obra *Fazenda Modelo*, foi *Estorvo* (1991) que marcou o reconhecimento de Chico Buarque como escritor literário. A partir dessa obra, Buarque passou a ser objeto de atenção e análise por parte da crítica literária. O romance recebeu muitos elogios, incluindo do crítico Roberto Schwarz, que dedicou um capítulo em seu livro para comentar a obra de

Buarque. Schwarz (1999, p. 178) descreve *Estorvo* como "um livro brilhante, escrito com engenho e mão leve", destacando a habilidade do autor em criar uma narrativa onde, em poucas linhas, o leitor já percebe "a lógica de uma forma" única.

Schwarz também ressalta a destreza de Buarque em misturar ficção e realidade de maneira tão eficaz que os limites entre o imaginário e o real se tornam indistintos, criando uma certa porosidade nos fatos. Essa técnica, segundo o crítico, traz a escrita para uma nova dimensão de realidade, onde o leitor é constantemente desafiado a questionar o que é verdade e o que é ficção. Schwarz (1999, p. 178) complementa "O relato seco e factual do que está aí, bem como do que não está, ou da ausência na presença, opera na transmutação da ficção de consumo em literatura exigente (aquela que busca estar à altura da complexidade da vida)."

Em *Estorvo*, Chico Buarque utiliza o Rio de Janeiro como um cenário conturbado, abordando temas como a criminalidade e a obsessão das pessoas em aparecer na televisão. A cena de rua é descrita com um "corre-corre, camburões e TV", capturando a agitação e a violência urbana. Outro cenário importante é o sítio da família, que remete à infância do protagonista como um lugar de paz e tranquilidade, um lugar que era considerado um refúgio. No entanto, ao chegar lá, ele se depara com um ambiente transformado, onde a influência da cidade contaminou o espaço originalmente sereno. O sítio está agora repleto de pessoas imersas nas mesmas preocupações da cidade: crianças obcecadas por videogames, motocicletas e tinturas para cabelo. O local, que deveria ser um refúgio de pureza e simplicidade, parece ter perdido sua inocência, refletindo como até mesmo os menos favorecidos foram moldados pelos valores e influências da elite urbana.

Schwarz (1999) considera que essa precisão em descrever as expressões dos personagens pode estar ligada a alguns fatores, como: a habilidade literária do autor e a influência do romance policial. Essa capacidade do autor de observar e descrever detalhadamente vem de uma destreza técnica e uma observação aguçada, enquanto a "escola do romance policial" contribui com técnicas de detalhamento e precisão na descrição. Como cita o crítico:

Por um paradoxo profundamente moderno, a indefinição interior dos caracteres tem como contrapartida uma visibilidade intensificada. Gestos e movimentações tem a nitidez a que nos acostumam a história em quadrinhos, as gags de cinema, os episódios de TV, bem como o sonho ou

o pesadelo. Essa exatidão, muito notável, decorre em primeiro lugar da felicidade literária e da observação segura do escritor, e também da escola do romance policial. Mas há nela um outro aspecto, bem perturbador. É como se no momento ela não fosse apenas uma qualidade artística, mas uma aspiração real das coisas e das pessoas ao figurino evidente, ao logotipo delas mesmas.

(SCHWARZ, 1999, p. 181)

Em *Estorvo*, Chico Buarque utiliza elementos da realidade para compor sua narrativa, de maneira semelhante ao que Machado de Assis fazia em suas obras. Buarque explora a realidade brasileira por meio de uma escrita marcada pela metáfora e pela ironia, o que lhe permite capturar e representar o Brasil contemporâneo. Através dessas técnicas, ele consegue tecer uma crítica ao contexto social e político do país, revelando as complexidades da vida urbana e das relações humanas na modernidade.

Após essa obra, veio *Benjamim* (1995), uma obra que retrata a história de Benjamim Zambraia, um ex-modelo que perdeu sua amada e que agora se encontra em uma crise existencial. Nessa obra podemos perceber uma maturidade maior na escrita de Buarque, já que está abordando além dos acontecimentos externos, também aborda questões psicológicas. Como cita a estudiosa:

Benjamim (1995) retrata a busca pelo "eu" do passado através do recurso à uma frágil memória. Deparamo-nos com indivíduos entrelaçados por um fio de suspense e enigma, passando de uma situação a outra sem distinguir muito bem o mundo exterior do próprio universo interior (lembranças, sentimentos, desejos). O protagonista utiliza o recurso da memória para manter o sentido de sua vida, como se ele vivesse no passado e se orgulhasse de viver dessas lembranças.

(TAVARES, 2020, p.21)

Budapeste (2003) também representou um marco na trajetória literária de Chico Buarque, diferenciando-se de suas obras anteriores. Neste romance, Buarque explora novas dimensões narrativas ao contar a história de José Costa, um ghostwriter que vive na sombra de sua própria escrita. O romance contém elementos autobiográficos, como observa Viotto (2013, p. 6), "por meio da figura de um escritor fantasma, José Costa, o autor Chico Buarque prepara a cena para o tratamento de questões ligadas à criação de uma obra em que a escrita e a leitura sejam simultâneas". Em *Budapeste*, a narrativa não é apenas escrita, mas vivida, com a vida do protagonista se confundindo com a ficção que ele cria, tornando o romance uma experiência de fusão entre a realidade e a literatura.

Uma característica de *Budapeste* é essa percepção de escrita e leitura coexistente, o que se passa na obra é o que está se passando na sua vivência. Portanto é uma obra que depende da imaginação, “a arte imita a vida e vice-versa, misturadamente, labirinto e abismo”.(VIOTTO, 2013, p. 7)

Ao observar a obra de Buarque podemos concluir que, antes de *Leite Derramado* (2009), que é uma obra que faz parte do seu marco da “maturidade”, a escrita do escritor já demonstrava uma sofisticação literária, marcada pela habilidade realizar críticas sociais e políticas através de narrativas envolventes e complexas. Anteriormente, citamos as primeiras obras de Chico Buarque, aquelas que eram voltadas ao público infantil e é possível perceber que a partir da obra *Fazenda Modelo* seu modelo de escrita mudou completamente, partindo para uma era de maturidade e autonomia na sua maneira de escrever. Como cita a estudiosa:

Ele estabelece como Corpus as quatro peças teatrais de Chico Buarque: *Roda Viva*, *Calabar* e *o Elogio da Traição*, *Gota d'água* e *Ópera do Malandro*, contrapondo-as aos romances: *Fazenda Modelo*, *Estorvo*, *Benjamim* e *Budapeste*. O pesquisador analisa como o autor Chico Buarque busca demonstrar que existe uma autonomia na arte e nos métodos empreendidos por ele, deixando clara a percepção ao longo dos anos, de um amadurecimento do escritor provado pela auto-reflexão da linguagem, a partir do momento em que ele deixa de interpretar as suas influências e passa a criar a sua própria maneira de narrar.

(TAVARES, 2020, p. 25)

Mas sua estreia no romance só foi considerada de fato pelos críticos com o lançamento de *Estorvo*, em que evidenciou um autor com um olhar aguçado sobre a realidade urbana brasileira, utilizando elementos de suspense e múltiplas perspectivas para explorar a alienação do indivíduo na sociedade contemporânea. O uso de uma linguagem acessível ao público, sendo uma linguagem bem-humorada, mas carregada de significados, já indicava sua preocupação com a construção de atmosferas e com a interioridade dos personagens, criando uma tensão entre o mundo interior e o exterior.

Em *Benjamim*, Buarque continuou a explorar temas de memória e identidade, agora centrados em um protagonista que busca se reconciliar com seu passado. Neste romance, ele demonstra uma habilidade ainda maior em utilizar a linguagem para revelar as falácias das lembranças e a construção do eu, criando uma narrativa crítica. A ironia, uma marca registrada de sua escrita, é utilizada de forma sutil, mas

eficaz, permitindo que as camadas de significados se desdobrem gradualmente para o leitor. A maturidade é demonstrada pela abordagem psicológica do personagem, no qual tem sua personalidade fragmentada durante toda a obra.

Com *Budapeste*, Chico Buarque aprofundou sua exploração dos limites entre realidade e ficção. O romance se destaca pela fluidez entre as línguas e culturas, bem como pela metalinguagem, onde o próprio ato de escrita se torna um tema central (TAVARES, 2020). Aqui, Buarque demonstra uma maturidade literária que vai além da crítica social, explorando questões mais abstratas sobre o papel do escritor e a natureza da identidade.

Ao longo dessas obras, a escrita de Chico Buarque é caracterizada por uma crescente complexidade na construção dos personagens e das tramas, sempre permeada por uma visão crítica da sociedade brasileira. Ele faz uso de uma narrativa que carrega uma profundidade reflexiva que convida o leitor a questionar as certezas estabelecidas. Antes de *Leite Derramado*, Chico já havia consolidado um estilo literário que, embora profundamente enraizado na realidade brasileira, também dialoga com questões universais.

3.2. Trabalho, raça e classe em *Leite Derramado*

Leite Derramado é uma obra que explora a evolução da sociedade brasileira através da perspectiva de Eulálio Montenegro d'Assumpção, um narrador que reflete sobre a decadência pessoal e familiar ao longo de sua vida. No presente, Eulálio está acamado em um hospital público, um símbolo da queda do prestígio e da riqueza que sua família uma vez possuía. Como citado pela estudiosa:

Sob o ponto de vista das lembranças do narrador, desliza todo um imaginário social que, mesmo à revelia do sujeito que recorda, se evidencia como preconceituoso, discriminatório com relação às classes desfavorecidas e, sobretudo, com relação ao negro.

(SANTOS, 2017, p. 30)

O romance traça um panorama da transformação social e econômica do Brasil, contrastando o passado de poder da elite agrária, que se sustentava em práticas de exploração e desigualdade, com a realidade atual de desilusão e declínio (SILVA, 2022). Através das memórias de Eulálio, a obra oferece uma visão do

impacto das mudanças políticas e sociais sobre as relações de poder e a condição dos indivíduos, mostrando como a modernização e a corrupção moldaram a trajetória de sua família e refletiram as injustiças persistentes na sociedade brasileira.

Assim como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, para analisar os temas de trabalho, raça e classe em *Leite Derramado*, será essencial que sejam observados os personagens, bem como a relação que Eulálio tinha com eles. Será dado um destaque maior para o Balbino Assunção e a Matilde, que são dois personagens de pele negra e que dará uma direção sobre esses temas.

Matilde é uma moça “de pele quase castanha” (BUARQUE, 2009, p. 29) que é de uma família rica, mas não é filha legítima de seus pais por ser adotada. Matilde “é filha bastarda de um figurão, a filha amorenada criada pela família de ricos brancos, cuja origem, dissimulada a princípio, cada vez mais vem à tona, à medida que a moça se insere na alta sociedade.” (RUFINONI, 2022, p. 138).

Essa personagem foi casada com Eulálio e passou por muito preconceito por parte da família do marido e até mesmo por parte do marido. Essa negação fica perceptível durante a obra “Minha mãe era de outro século, em certa ocasião chegou a me perguntar se Matilde não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha de sete irmãs [...]” (BUARQUE, 2009, p. 29). Esse questionamento por parte da mãe de Eulálio foi uma maneira indireta de dizer que pessoas negras tem mau cheiro. Além de que o narrador demonstrou algumas vezes disfarçar a cor da esposa e sua origem “Matilde tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata. Teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos, talvez algum longínquo sangue indígena” (BUARQUE, 2009, p. 149).

Matilde foi alvo de muitos críticos e pesquisadores, pois é uma personagem que se parece bastante com a Capitu do livro *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Como citado pela crítica:

Semelhando o casmurro de Machado de Assis, a liberdade da morena sempre lhe soa como ofensa, volúpia ou crime. Também à moda machadiana, Matilde é uma Capitu negra, moderna e desabusada que ouve ritmos populares, dança maxixe, dá de mamar onde quer que seja, em

suma, procura manter-se vibrante em meio à ameaça do grupo parental que cada vez mais a sufoca.

(RUFINONI, 2022, p. 138)

Porém houve uma atualização da escrita machadiana, agora ela não vem como uma garota pobre, mas ilegítima e mulata. Rufinoni (2022) considera que “É por meio desse motivo – o da mulher negra e bastarda que adentra a família branca – que vem à tona o lastro escravocrata da elite nacional.”. O fato de ser ilegítima a torna refém do favor da família branca, de seu marido e da família branca de seu marido. Mesmo que ela estivesse inserida no meio branco, apenas por ser mulata e bastarda, sempre estaria à margem.

Na construção da narrativa temos também Balbino de Assunção, um rapaz escravizado da família Assumpção, com P para não confundir com Assunção como foi reforçado pelo narrador:

E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar aí no prontuário. Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou como pedir licença para entrar na família sem sapatos.

(BUARQUE, 2009, p. 18)

Balbino havia herdado o sobrenome da família de seus senhores “Balbino Assunção” se caracteriza na obra como o herdeiro simbólico dos Assumpção. O personagem se apropriou do sobrenome de seus antigos senhores.” (SANTOS, 2017, p. 113). Balbino seria uma representação do moleque Prudêncio de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Como cita a crítica:

O moleque Prudêncio reencarna em Balbino. A tão cultuada herança de atributos dos patriarcas da família, na vertigem mise en abyme de Eulálios propositalmente confundidos entre si, encontra correlato rebaixado, na série de Balbinos – o avô, o pai e o filho.

(RUFINONI, 2022, p. 146)

A situação de Balbino Assunção e seus familiares após a alforria destaca uma ironia e uma crítica ao sistema social da época. Apesar de terem conquistado a liberdade formal após a alforria, Balbino e sua família optam por continuar trabalhando para os Assumpção devido à falta de alternativas viáveis e ao contexto socioeconômico que os limitava, pois após a alforria não houve algum suporte vindo da política da época, não houve tentativa de reparação às pessoas que sofreram opressão e escravidão. Como é citado pela estudiosa:

“A família Assumpção, representada pelo narrador, apagou seu passado escravagista, não havia ressentimentos ao recordar ações praticadas por eles no período escravocrata, muito menos sentimentos de reparação relacionados a Balbino e aos seus.”
(SANTOS, 2017, p. 114)

A liberdade conquistada se revela, na prática, uma ilusão, já que as condições econômicas e sociais os forçam a permanecer na mesma posição de subordinação de antes. A decisão de Balbino e sua família de permanecer com os antigos senhores reflete não apenas a persistência de estruturas de poder e opressão mesmo após a abolição, mas também a realidade da mobilidade social limitada. A citação no romance ressalta a contradição entre a liberdade formal e a continuidade da exploração, expondo como a emancipação não foi acompanhada por mudanças reais nas condições de vida e nas relações de poder, evidenciando uma crítica à estrutura social que perpetuava desigualdades e limitações para os recém-libertos.

Também vale ressaltar a importância do pai de Eulálio que era um fazendeiro, um personagem que se destacou pela sua importância econômica e social, ele é descrito como um homem influente, cujos negócios e estilo de vida refletem a elite agrária do Brasil em um período de grande prosperidade para a agricultura. Seu trabalho na fazenda é representativo da riqueza e do poder que a família desfrutou, mas também serve como um contraste com a decadência e as dificuldades que se seguirão à medida que o tempo avança e as mudanças sociais e econômicas impactam a propriedade e a família. O pai, sendo o chefe da família Assumpção, uma família que influenciou muito na época dentro da obra. Schwarz analisa a trajetória da família e os qualifica dentro daquela realidade como não apenas como família, mas uma categoria social. Como cita o crítico:

Os Assumpção, que passam de acompanhantes de d. João VI a barões negreiros, a aproveitadores do Abolicionismo e a traficantes de influência na República Velha, são antes uma categoria social do que uma família, e importam menos do que o tempo que os atravessa. Não há encadeamento interno individualizando e separando as estações, as quais compartilham a condição antediluviana, recuada de uma era. Elas funcionam como o passado senhorial em bloco por oposição ao presente moderno, ou também, pelo contrário, como a prefiguração deste e de sua desqualificação
(SCHWARZ, 2012, p. 148)

Através de Eulálio, podemos ter uma percepção da classe trabalhadora e das atitudes sociais prevalentes na época. A narrativa revela como, mesmo após a decadência econômica e social da família Assumpção, os preconceitos raciais e as práticas exploradoras permanecem profundamente enraizados no narrador. Eulálio descreve com uma frieza a normalização dos atos de exploração e agressão contra

os escravizados, refletindo uma mentalidade que considera esses abusos como uma parte aceitável da estrutura social. Um cenário que representa essa frieza e orgulho de fazer parte de uma cultura exploradora é o momento em que ele conta, cheio de orgulho, sobre o chicote que seu pai havia herdado de seu avô. Como é citado na obra:

Saibam vocês que papai tem um chicote guardado ali na biblioteca, atrás da enciclopédia Larousse. Ele um dia me exibiu a peça, a correia trançada de couro de antílope, a flor-de-lis no cabo. É um chicote fora de uso, uma relíquia familiar que ele herdou do pai, meu avô Eulálio. Mas assim que voltar da Europa, se ouvir falar que deram na cabeça do filho, vai distribuir chibatadas por aí. Vai açoitá-los todos, não importa de homem ou mulher, vai soltar o azorrague em vocês como meu avô no velho Balbino. O Balbino nem era mais escravo, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava num tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo. E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício. Se quisesse lanhar, imitaria meu pai, que quando pegava negro fujão, açoitava com grande estilo.

(BUARQUE, 2009, p. 102)

Apesar de sua própria decadência, Eulálio não consegue se desvincular dos valores e crenças racistas que foram instilados nele desde a infância. Sua visão e comportamento, moldados por uma educação que reforçava a hierarquia racial e a dominação das pessoas negras, permanecem intactos, evidenciando como os preconceitos e práticas discriminatórias persistem e se perpetuam ao longo das gerações. Essa continuidade de pensamento revela a profunda resistência à mudança e a dificuldade em transcender os limites impostos por uma estrutura social desigual e exploradora, mesmo quando a posição social do indivíduo se altera (RUFINONI, 2022). A narrativa de Eulálio, portanto, serve como uma crítica à persistência de desigualdades e preconceitos, ilustrando como as ideologias racistas e as práticas exploradoras se perpetuam através das atitudes e das normas sociais, mesmo em face de mudanças econômicas e pessoais.

O narrador ainda demonstra uma espécie de diversão com a exploração do trabalho que era involuntário, a cena se trata de uma descrição do quanto ele gostava de ver o cesto com roupas limpas e urinar em cima para ver a mulher explorada lavar novamente. “Quando vejo aquela cesta de roupa recém-lavada, mijo em cima com vontade, e ela lava tudo de novo sem reclamar, lava cantando polca, rebolando no tanque.” (BUARQUE, 2009, p.105). É possível perceber em Eulálio uma aproximação com o personagem Brás Cubas, que explorava, ridicularizava os empregados e agia como se tudo isso fosse o mais normal, há em ambos um desprezo pela dignidade alheia, isso pelo contexto social em que ambos foram

criados. É perceptível a ironia e a crueldade nos narradores-personagens, com uma mentalidade opressora e uma banalização do sofrimento dos mais desfavorecidos. Segundo Santos há em Eulálio uma representação:

“O personagem Eulálio representa a naturalização do privilégio e do racismo. A construção de seu discurso, por meio do recurso à ironia ganha status crítico e denunciador, já que ele é um legítimo herdeiro de uma classe dominante opressora”.

(SANTOS, 2017, p. 56)

Para exemplificar ainda mais esse preconceito enraizado no narrador, será observado o momento em que ele narra uma cena em que encontra dois policiais, aparentemente negros, e seu discurso não disfarça o preconceito que ainda se encontra nele. Mesmo já estando em uma situação desfavorável, em que sua vida só se encontra em desande, Eulálio ainda apresenta o mesmo pensamento de que a pessoa negra é inferior. Além dessa visão, Santos (2017) considera que Eulálio entende que as oportunidades para os negros no Brasil eram escassas até pouco tempo. Como é narrado na obra:

Visto que o assunto não rendia, perguntei-lhes se estavam felizes aqui ou se pretendiam voltar para a África. Opinei que servir na polícia era um grande progresso para os negros, que ainda ontem o governo só empregava na limpeza pública. Depois lhes perguntei se porventura sabiam o preço da cocaína no Rio, e se possível também no exterior, mas eles continuavam sonolentos.

(BUARQUE, 2009, p. 175)

Mesmo com a idade avançada de Eulálio, Santos (2017, p. 57) analisa que “não são caduquices de um velho, ele aprendeu a ser racista desde o seu nascimento, ele tão somente reproduz o que aprendera ao longo de sua vida, mas não questiona a si sobre suas ações.”, pois como analisado pela pesquisadora, há um racismo enraizado no personagem e mesmo que ele veja aquele cenário de sua infância se desfazer de pouco em pouco, ele ainda tem suas crenças de como o mundo é e como deveria funcionar. Fazendo com que não olhe para suas próprias atitudes e falas.

Ao nos focar na família Assumpção, nos deparamos com uma sensação de estar lendo um romance, juntamente com uma saga familiar, mas a verdade é que *Leite Derramado* é sobre a transformação da sua variante brasileira, que é onde se depara que tudo acabou. Uma obra que se passa em um cenário, não apenas físico mas principalmente mental, de preconceito, discriminação e diminuição de

uma raça e de uma classe. Nela a abordagem é com ironia e metáfora acerca desse assunto que ainda hoje é um problema na nossa sociedade. Como citado pelo crítico:

Pelo foco nos Assumpção, pelo arco de tempo abarcado e pelas questões de classe e raça, Leite derramado pareceria ser um romance histórico ou uma saga familiar, coisas que não é. Como nos filmes em que a ambientação diz tanto ou mais do que a intriga, o pano de fundo contemporâneo talvez seja a personagem principal, a que Eulálio, a despeito das presunções, se integra como um anônimo qualquer. A pretexto disso e daquilo, da petulância popular de Matilde, das surras de chicote que são tradição na família, do horror aos hospitais públicos ou do samba na vitrola, o que se configura é a modernização na sua variante brasileira, em que tudo desemboca.
(SCHWARZ, 2012, p. 148)

3.3 Eulálio D'Assumpção: o herdeiro falido e a elite brasileira contemporânea

Eulálio D'Assumpção é o narrador-personagem centenário de *Leite Derramado*, em que sua trajetória é narrada a partir de sua atual condição de vulnerabilidade. Acamado em uma maca de um hospital público, ele reflete sobre sua vida marcada pelo declínio. Antigamente, Eulálio era um herdeiro de uma família influente e poderosa. No entanto, seu destino sofreu uma reviravolta dramática, levando-o de um status elevado a uma existência de miséria e abandono, onde atualmente reside de favor na casa da filha e passa seus últimos dias em um corredor de hospital, longe de sua antiga posição de prestígio.

Eulálio é considerado por muitos estudiosos como um narrador não confiável, durante sua narração ele volta às informações o tempo todo e não passa uma convicção do que está falando, além de que se trata de um idoso que está sob efeito de remédios. Essas características fazem com que suas memórias e descrições sejam permeadas por uma ambiguidade e falta de clareza, refletindo a confusão e o declínio mental que acompanham sua condição física e emocional. Como é possível observar nesse trecho da obra:

Romance em primeira pessoa, em que fica patente, mesmo para leitores menos experientes, que se está diante de um narrador não confiável, pois, ora, que narrador memorialista que (pode-se questionar já na sequência das três primeiras páginas) narra, sob o efeito de morfina, ou que promete fazenda e casarão para uma das enfermeiras do hospital onde se encontra e, logo depois, se lembra de que a fazenda, desapropriada, virou rodovia e o casarão também já não mais lhe pertencia

(BUARQUE, 2009, p. 05-07)

O narrador da obra de Chico Buarque compartilha várias semelhanças com Brás Cubas, o narrador-personagem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ambos são narradores que oferecem uma perspectiva subjetiva sobre os eventos que relatam, deixando clara a limitação de suas visões pessoais. Assim como Brás Cubas, Eulálio d'Assumpção é um herdeiro de uma família de status e poder, mas suas histórias são cheias de frustrações. Em ambos personagens é possível ver como a cultura de racismo e exploração da alta sociedade está enraizada nos seus pensamentos, posicionamentos e em como tratam as pessoas em uma situação inferior à deles. A comparação entre os dois narradores revela que, apesar de sua posição social elevada, Eulálio, assim como Brás Cubas, foi na verdade uma pessoa frustrada e fracassada, essa talvez seja a característica que mais aproxima esses dois personagens. Ambos viveram uma vida de privilégio, mas ainda assim não construíram nada. O que difere um do outro é que Brás Cubas não perdeu sua posição social e o dinheiro. Brás Cubas foi um herdeiro rentista e Eulálio um herdeiro falido.

Segundo Santos (2017), ao longo da obra, é observado Eulálio passando por um processo gradual de despido moral, no qual ele vai perdendo progressivamente tudo o que possui. Inicialmente um herdeiro de uma família influente e poderosa, Eulálio se vê, aos poucos, transformado em uma figura completamente vulnerável e desamparada frente ao sistema que antes sustentava seu status. Essa transição evidencia a sua decadência e a fragilidade de sua posição social, ressaltando a transformação de sua vida e identidade. Essa característica de ser despido moralmente intriga os leitores, como é citado pela a estudiosa:

“No decorrer dos vinte e três capítulos de Leite Derramado, sem linearidade cronológica, o velho Eulálio Montenegro d'Assumpção vai sendo despido moralmente, e este é um dos elementos que torna o personagem intrigante aos olhos dos leitores e de estudiosos”

(SANTOS, 2017, p 13)

O primeiro sinal do despimento moral de Eulálio surge quando ele perde sua esposa devido ao próprio ciúmes. A partir desse momento, sua vida é marcada por uma sequência de perdas. A perda de Matilde representa um fracasso para Eulálio, pois ela foi a única mulher que ele realmente amou e seu maior bem naquela fase

da vida. Apesar de ter chegado perto de construir algo significativo, Eulálio acaba destruindo essa conquista e falhando. Eulálio se descreve um homem que foi abandonado, mas a verdade é que por trás desse senhor acamado existiu um homem extremamente abusivo com a sua esposa, com diversos cenários de desconfiança, ciúmes, diminuição e controle sob Matilde e isso é visto durante o percorrer da narração do personagem. Não que ele não reconheça que errou, pois diversas vezes ele demonstrou arrependimento e pensando que se pudesse faria diferente.

Eulálio se mostra ser um ser humano de valores completamente distorcidos, assim como era a elite brasileira. A que explorava, maltratava, diminuía e desprezava qualquer um que fosse diferente deles e isso ficou enraizado no narrador personagem. Ele se casou com uma mulata, mas tinha pavor de confirmar a origem de sua esposa “Matilde tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata. Teria quando muito uma ascendência mourisca, por via de seus ancestrais ibéricos, talvez algum longínquo sangue indígena” (BUARQUE, 2009, p. 149). Ele se divertia com a cultura exploradora de sua família, como quando relatou sobre o chicote que seu pai herdou de seu avô “E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício. Se quisesse lanhar, imitaria meu pai, que quando pegava negro fujão, açoitava com grande estilo” (BUARQUE, 2009, p. 102). Também diminuía o outro, desconsiderando toda dignidade pertencente a pessoa negra. Como é narrado na obra:

E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar aí no prontuário. Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou como pedir licença para entrar na família sem sapatos.
(BUARQUE, 2009, p. 18)

Nesse contexto, a ideia de que Eulálio foi despido progressivamente ao longo da obra também permite analisar que não foi apenas ele que passou por esse processo. A elite brasileira da época, assim como Eulálio e sua família, também experimentou uma decadência gradual. A narrativa reflete, portanto, a desintegração moral e social de um grupo privilegiado, espelhando a deterioração individual de Eulálio e sua família.

Dois anos após Matilde fugir, Eulálio já estando em uma profunda tristeza recebe a notícia de que seu pai, o chefe da família Assumpção e senador, havia sido

assassinado, tendo assim que assumir o posto de homem da família. Como é citado pelo estudioso:

Devido a essa falta de adaptação às incipientes tensões sociais – ocasionada pela ausência de uma instrução que estendesse o ponto de vista para além das relações privadas e cordiais – Eulálio é o primeiro Assumpção criado no Brasil a não ter uma trajetória de fazendeiro e/ou de comerciante.

(SCHIFFNER, 2012, p.194)

Eulálio não tinha a formação necessária para assumir tantas responsabilidades, mas mesmo assim ele tentou manter os contatos da família, mantendo viagens para a Europa. Mas ao chegar lá se depara com uma notícia devastadora, estava acontecendo uma crise financeira que acabou por atingir o Brasil. Como é citado pelo estudioso:

Depois de algumas tentativas de contato com a matriz, Eulálio viaja para a França no intuito de solucionar o problema e é recebido, com espanto, em Bordeaux. Chegam a lhe perguntar se as notícias do mundo não circulam na América do Sul, visto que não sabia da crise econômica americana e da quebra da bolsa de Nova York. Decide ir a Londres, e, lá, as informações adquirem contornos ainda piores ao lhe falarem das “calamidades financeiras” e das “milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia.

(SCHIFFNER, 2012, p.193)

Todo o dinheiro da família Assumpção estava em café e agora esse mercado estava acabado, assim como o mercado negreiro que sustentou a família por um período. A partir desse acontecimento histórico, que ocorreu em meados de 1924, passou a ser visto não apenas o declínio dos Assumpção, mas de diversas famílias da elite brasileira, como é citado por Machado:

O século XX no Brasil, especialmente na sua primeira metade, assistiu à queda de grandes nomes de família, seja no campo, seja na cidade. Mudanças políticas, abolição da escravatura, quebra da bolsa de Nova York, diminuição da demanda internacional por açúcar, café e outros produtos de monocultura: foi um período instável, no qual se aprofundaram e se fizeram cotidianas mudanças na dinâmica social que estavam ainda em latência na época de Machado de Assis

(MACHADO, 2015, p 146/147)

Com essa crise, a tradição ruralista da família Assumpção começa a se esvaír diante da modernização e do desenvolvimento urbano, que agora alcança até as áreas mais rurais do estado do Rio de Janeiro. A desapropriação da propriedade que fora o cenário de sua infância marca um ponto importante na vida de Eulálio. A perda de sua terra, um símbolo da herança familiar e de sua identidade, não apenas representa um golpe devastador, mas também mostra a transformação de sua

realidade. Embora Eulálio tenha o direito legal a uma indenização por essa desapropriação, na prática, essa compensação nunca se concretiza. A falha em receber a indenização amplifica ainda mais o sentimento de perda e frustração, gerando o colapso das estruturas que sustentavam sua vida e sua posição social.

A família Assumpção é uma ferramenta de representação da elite brasileira durante essas mudanças na sociedade, porque eles representam o desafio da elite em ter que se adaptar a um novo mundo. Ainda me atrevo a dizer que muitas famílias da alta sociedade sucumbiram após todas essas mudanças e crises, porque estavam acostumados a ganhar dinheiro e viver uma vida de privilégios às custas do suor da classe explorada. A elite daquela época não sabia colocar a mão na massa, pois a sua cultura era explorar, era o que sabiam fazer e sem ter o que explorar decaíram.

Eulálio presenciou então não apenas o seu declínio, mas boa parte da sua classe. Não houve a capacidade de adaptação, sendo um grande fenômeno para a época. Como cita Oliveira:

Os Assumpção, cuja trajetória se igualaria a de tantas famílias integrantes da chamada elite nacional que não se adaptou aos tempos modernos do capital, apresenta uma valorosa genealogia que se inicia com os ancestrais portugueses, passando por um barão do Império, um senador da Primeira República, até alcançar um tataraneto–garotão de Copacabana–no Rio de Janeiro.

(OLIVEIRA, 2010, p.3)

Houve em *Leite Derramado* uma maneira de abordar elementos da história do país, fazendo, assim como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma crítica social à elite brasileira com a ironia, sarcasmo e metáforas. Como é citado pelo crítico:

Como ele mesmo é o narrador, temos uma situação literária machadiana, em que a crítica social não se faz diretamente, mas pela autoexposição "involuntária" de um figurão. Recapitulando sua vida com propósito sentimental, ele sem querer vai entregando os segredos de sua classe, em especial os podres.

(SCHWARZ, 2012, p. 146)

É uma abordagem muito fluida, com uma seleção certa do narrador-personagem, um idoso que não tem papas na língua e que quer expor tudo aquilo que ele tem guardado sobre o que viveu, sem o medo de expor suas crenças e preconceitos, nos permitindo ter uma visão mais clara de como as pessoas foram ensinadas a ser na época de Eulálio. A obra de Buarque nos levou a assistir a

decadência de uma classe, fazendo uso do personagem centenário que passou de um herdeiro de uma família poderosa em meio a elite brasileira a só mais um no corredor de um hospital público. Aquele que antes vivia numa mansão e em certo momento de sua vida se viu morando de favor na casa de sua filha na Zona Norte do Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura brasileira passou por muitas mudanças e com elas vieram as grandes revelações e autores brasileiros. Essa determinação de usar a escrita como uma ferramenta de registro e denúncia se tornou uma identidade da literatura brasileira, graças aos escritores que compraram essa idealização, hoje é possível analisar e perpetuar aquilo que aconteceu no passado do Brasil. É através da literatura, como a de Assis e de Buarque, que os leitores puderam conhecer um pouco da dor, da força e da coragem daqueles que foram explorados.

Machado de Assis revolucionou a literatura brasileira com sua forma de abordagem narrativa, trazendo uma nova forma de explorar temas sociais e psicológicos. Seus personagens ganharam uma complexidade que não era comum nas obras da época, servindo como ferramentas para uma representação da sociedade. Assis é considerado um divisor de águas na literatura brasileira, especialmente por sua habilidade em utilizar a ironia de maneira sutil e eficaz para criticar aspectos da história e da cultura do país. Sua escrita amadurecida elevou o debate literário e deixou um legado na forma de interpretar e retratar a realidade social.

Chico Buarque deixou uma marca na literatura contemporânea, distinguindo-se por sua abordagem de elementos críticos da sociedade, usando da ironia. Com *Leite Derramado*, ele amadureceu suas ideias e ousou explorar momentos dolorosos de uma classe social desfavorecida, oferecendo uma narrativa ao mesmo tempo divertida e irônica. A obra é rica em elementos históricos e se destaca pela precisão com que constrói o narrador-personagem.

Estudar essas duas obras é uma experiência enriquecedora, pois, apesar dos 128 anos que as separam, as semelhanças entre elas são evidentes, o que torna essa análise ainda mais interessante. Brás Cubas, como herdeiro rentista, e Eulálio d'Assumpção, como herdeiro falido, compartilham um vínculo importante: ambos são produtos de uma cultura que perpetuou preconceitos e práticas de exploração que ainda espelham na sociedade contemporânea. Esses personagens oferecem ao leitor uma visão do ponto de vista da elite.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. Uma apresentação do romance brasileiro. In: CURSO PARA DIPLOMATAS SUL-AMERICANOS. Trabalho apresentado [...] Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- ARAÚJO, Érica Tavares de. *Imagens do Brasil em Chico Buarque: uma leitura de Estorvo*. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio Grande do Norte: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2020.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Moderna, 1999.
- BETELLA, Gabriela Kvacek. *Narradores de Machado de Assis*. São Paulo: Edusp/ Nankin, 2007.
- BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antônio. O triunfo do romance. In: _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2. ed. 2 v. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. p. 191-218.
- CANDIDO, Antônio. Aparecimento da ficção. In: _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2. ed. 2 v. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. p. 97-129.
- CANDIDO, Antonio. *Esquema de Machado de Assis*. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antônio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CROCE, Marcos Antônio. *A Economia do Brasil no século XIX*. Vitória: 12ª Conferência Internacional de História de Empresas, 2015.
- ESSENCIO, Sandro Viana. *A prosa de Chico Buarque em Fazenda Modelo*. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade Municipal Paulista, 2013.
- FRANCO, Renato. *Narrar o socialmente esquecido. O romance de resistência na época do terror estatal no Brasil 1964-1985*. Araraquara: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2015.
- LUCCI, Marcos Antonio. *A Proposta de Vygotsky: A psicologia sócio histórica*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- MACHADO, Lohanna. Memória não confiável e perdão impossível em *Leite Derramado*, de Chico Buarque. Curitiba: *Versalete*, v. 3, n. 5, p. 143-158, jul.-dez. 2015.
- OLIVEIRA, Aluísio Barros de. Evocações Machadianas em *Leite derramado*, de Chico Buarque. Rio Grande do Norte: Revista Odisseia PPgEI/UFRN, Nº 06, 2010.
- PELLEGRINI, Tania. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. *Crítica Marxista*, n. 21, p. 133-153, 2005. Campinas: Revan, 2005.

- PELLEGRINI, Tânia. Realismo: a persistência de um mundo hostil. São Paulo: Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.14, 2009.
- RUFINONI, Simone Rossinetti. *A ponta do chicote*. Rio de Janeiro: Alea: Estudos Neolatinos, 2022.
- SANTINI, Juliana. Romance e realidade na ficção brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 39, p. 95-106, jan./jun. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.
- SANTOS, Glauciane Aparecida dos. *A representação do negro em Leite Derramado, de Chico Buarque*. Dissertação (Mestrado em Letras). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.
- SCHIFFNER, Thiago Lopes. Leite derramado e a percepção anacrônica de um narrador entre dois tempos. Rio grande do Sul: *Letrônica*, v. 5, n. 3, ,2012. p. 188-206
- SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 1977. p. 11-31.
- SCHWARZ, Roberto. *Um romance de Chico Buarque*. In: _____. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 178-181.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 4 ed. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração In: _____. *Cultura e política: 1964 –1969*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- SCHWARZ, Roberto. *Cetim laranja sobre fundo escuro*. In: _____. *Martinha versus Lucreia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 143-150.
- SILVA, Thiago Marcos da. *O elemento histórico-social na composição estética de Leite derramado, romance de Chico Buarque*. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2022.
- VIOTTO, Adão Jildo. A trama ficcional em *Budapeste* de Chico Buarque. *Anais do SILEL*, Uberlândia: EDUFU, v. 3, n. 1, 2013.